



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANNA CRISTINA RODRIGUES DE ARAUJO
TALIANE DOS SANTOS SOARES

**EVASÃO ESCOLAR NA EJA: Percepções dos acadêmicos
concluintes do curso de Pedagogia da FAI em 2021**

ITAITUBA-PA

2021

ANNA CRISTINA RODRIGUES DE ARAUJO
TALIANE DOS SANTOS SOARES

**EVASÃO ESCOLAR NA EJA: Percepções dos acadêmicos
concluintes do curso de Pedagogia da FAI em 2021**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Ma. Elines dos Santos Batista.

ITAITUBA-PA

2021

ANNA CRISTINA RODRIGUES DE ARAUJO
TALIANE DOS SANTOS SOARES

**EVASÃO ESCOLAR NA EJA: Percepções dos acadêmicos
concluintes do curso de Pedagogia da FAI em 2021**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Ma. Elines dos Santos Batista.

gh

BANCA EXAMINADORA

Presidente/orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Ma. Elines dos Santos Batista

Avaliador(a) 1: _____ Nota: _____

Prof. Esp. Raimundo Reis de Almeida

Avaliador(a) 2: _____ Nota: _____

Prof. Ma. Mara Aparecida Pereira do Nascimento

Resultado: _____ Média: _____

6,25

Não há desafios que nos faça desistir, por isso dedicamos o nosso trabalho primeiramente a Deus que permitiu a realização desse sonho, a nossas famílias que não mediram esforços para nos apoiar e nos incentivar, dando força, coragem para lutar e vencer todos os nossos desafios; por estas inspirações agradeço por tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por ter nos fortalecido no decorrer desses quatro anos de curso, dando força, coragem e acima de tudo muita fé, a ponto de superar todas as dificuldades ao longo dessa caminhada e também por ter cuidado da nossa saúde física e mental, permitindo assim alcançar esta etapa tão almejada em nossas vida e dos nossos pais. Este mérito não é nosso e sim deles.

À nossas famílias que nunca desistiram de nos ajudar, sempre ofertando amor, carinho, apoio e compreensão, deixamos aqui nossa gratidão eterna, em especial aos nossos pais.

Aos docentes da faculdade, agradeço a contribuição de cada um que nos ajudou indireta e diretamente nas nossas vidas acadêmica, o empenho e a confiança que ajudaram a tornar possível este sonho tão aguardado.

A Faculdade de Itaituba e a toda sua direção, deixo aqui nossas palavras de agradecimentos por todo o ambiente inspirador e pela oportunidade de concluir este curso.

A nossa maravilhosa orientadora **Elines dos Santos Batista**, mesmo com tantos compromissos, pode nos orientar e nos ajudar na construção desse trabalho, agradecemos de coração por toda a ajuda, que contribuiu para o nosso aperfeiçoamento profissional, você uma inspiração.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram direta e indiretamente, para que nosso sonho fosse alcançado com êxito, nós agradecemos de todo coração.

“Não importa com que faixa etária trabalhe o educador ou a educadora. O nosso é um trabalho com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se melhorando, mas porque gente, capaz de negar os valores, de distorcerse, de recuar, de transgredir” (Paulo Freire, 1996, p. 162-163).

RESUMO

A EJA é uma modalidade de ensino destinada às pessoas que, por um motivo ou outro, ausentaram-se da escola e, pretendem retornar a fim de qualificarem-se. Contudo, em seu retorno aos estudos se depara com uma série de dificuldades, as quais geralmente não são por eles superadas, levando-os à evasão escolar. Esta pesquisa tem como objetivo identificar os principais desafios que os jovens e adultos da EJA encontram no cotidiano escolar, bem como conhecer as causas da evasão escolar nesta modalidade de ensino. Para tanto, como procedimento metodológico fez-se um levantamento bibliográfico com os autores que tratam do tema e uma pesquisa de campo com os acadêmicos formandos do Curso de Pedagogia da FAI em 2021. Ressalta-se que os problemas de evasão na EJA estão ligados a fatores de natureza socioeconômicos, a organização escolar, condições de vida, físicas e psicológicas, características individuais do aluno, condições familiares, o corpo docente e a interação professor – aluno, assim a escola, na sua organização curricular e metodológica, necessita estar preparada para utilizar procedimentos didáticos adequados para trabalhar com os jovens e tentar minimizar tais problemáticas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Evasão Escolar. Relação professor e aluno.

ABSTRACT

EJA is a teaching modality aimed at people who, for one reason or another, have been absent from school and intend to return in order to qualify. However, on their return to studies, they are faced with a series of difficulties, which are usually not overcome by them, leading them to drop out of school. This research aims to identify the main challenges that young people and adults of EJA encounter in everyday school life, as well as to know the causes of school dropout in this type of education. Therefore, as a methodological procedure, a bibliographic survey was carried out with the authors who deal with the subject and a field research with the academics graduating from the FAI Pedagogy Course in 2021. It is noteworthy that the dropout problems in the EJA are linked to socioeconomic factors, school organization, living conditions, physical and psychological, individual characteristics of the student, family conditions, the faculty and the teacher-student interaction, so the school, in its curricular and methodological organization, needs to be prepared to use adequate didactic procedures to work with young people and try to minimize such problems.

Keywords: Youth and Adult Education. School Dropout. Teacher and student relationship.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICO

Figura 1 - Entrada da Faculdade.	49
Figura 2 - Brinquedoteca.	50
Gráfico 1 - Quais as principais causas da evasão na EJA.	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil e identificação dos participantes da pesquisa.....	53
Quadro 2 - Respostas dos participantes sobre as dificuldades de um aluno de ensino fundamental da EJA enfrentam para terminar seus estudos.....	54
Quadro 3 - Respostas dos participantes sobre as principais dificuldades no dia-a-dia da sala de aula para ensinar os alunos da EJA.	55
Quadro 4 - O perfil do aluno que estuda na EJA.	57
Quadro 5 - O papel do professor na Educação de Jovens e Adultos.	58
Quadro 6 – Se conhece algum programa específico para amenizar a evasão na EJA.....	59
Quadro 7 – Quais estratégias a escola pode desenvolver para amenizar a evasão escolar.....	60
Quadro 8 – Se a relação entre professor e aluno pode influenciar na evasão escolar, se sim, de que forma.	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONCEITOS E ABORDAGEM HISTÓRICA.....	13
1.1 CONTEXTUALIZANDO O SURGIMENTO DA EJA.....	13
1.2 POLÍTICAS E PROGRAMAS PARA A EJA.....	20
1.3 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DO EJA.....	24
1.4 O DOCENTE FRENTE ÀS PROPOSTAS DA EJA.....	28
2 CAUSAS DA EVASÃO NA EJA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	32
2.1 A APRENDIZAGEM DO ALUNO DA EJA.....	32
2.1.1 O perfil do aluno da EJA	32
2.1.2 A motivação no processo de ensino-aprendizagem.....	34
2.2 DA REALIDADE DO EDUCANDO DA EJA E SUAS DIFICULDADES.....	39
2.2.1 Principais Desafios Enfrentados Pelos Alunos da EJA.....	40
2.3 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A EVASÃO NA EJA	43
3 EVASÃO ESCOLAR NA EJA: PERCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS CONCLUINTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAI EM 2021	49
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO	49
3.2 METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA	51
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	53
3.3.1 Percepções dos acadêmicos participantes da pesquisa.....	53
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS.....	63

INTRODUÇÃO

A sociedade vem passando por inúmeras transformações sociais e tecnológicas, buscando profissionais qualificados que atendam às demandas emergentes. Essas transformações vêm se refletindo no cenário educacional, pois os sujeitos com pouca escolarização estão retornando ao campo educacional, sejam eles jovens, adultos ou idosos. A EJA vem propiciando oportunidade de aprendizagem e de qualificação aos sujeitos que por algum motivo não concluíram a educação básica em período considerado próprio, já que a educação era restrita a uma pequena parcela da população.

A escolarização de jovens e adultos pode ser considerada como uma proposta política redimensionada à plataforma de governo na tentativa de elucidação de um problema decorrente das lacunas do sistema de ensino regular. Sendo assim, muitas indefinições surgem nas definições encontradas na literatura acerca da nomenclatura de EJA.

Não significa que essa modalidade de ensino, hoje Educação de Jovens e Adultos, tenha diferentes definições, mas pela própria história da evolução da EJA no Brasil e no mundo nas diferentes faces do desenvolvimento histórico da sociedade, o tratamento dos termos associados foi-se confundindo e se configurando como complementação de estudos e suplementação de escolarização.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar os principais desafios que os jovens e adultos da EJA encontram no cotidiano escolar, bem como conhecer as causas da evasão escolar neste segmento a partir da percepção de acadêmicos formandos do curso de Pedagogia da FAI. Para tanto, foi necessário levantar as seguintes questões que direcionarão este estudo, a saber: Quais as principais causas da evasão escolar na EJA e o que a escola tem feito para minimizar esta problemática? A relação entre professor e aluno pode influenciar no desenvolvimento do aluno da EJA? Quais os desafios dos professores que atuam com alunos da EJA?

O estudo utilizou pesquisa descritiva e exploratória, com uma abordagem qualitativa, e pesquisa de campo. Foi utilizado um questionário como instrumento de coleta de dados, e para a fundamentação teórica utilizou-se a pesquisa bibliográfica.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes principais. O primeiro capítulo apresenta como tema os aspectos gerais e conceituais da EJA, enfatizando a formação do professor e as políticas para a modalidade. O segundo faz uma discussão

sobre causas da evasão na EJA: reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem e por fim, o terceiro capítulo aborda a caracterização do local de estudo e a análise dos resultados. Este trabalho está fundamentado nos seguintes autores: Cunha (1999), Fonseca (2012), Freire (1993) entre outros, como forma de enriquecer o trabalho e compreender os fatores que envolvem a evasão na EJA.

1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONCEITOS E ABORDAGEM HISTÓRICA

1.1 CONTEXTUALIZANDO O SURGIMENTO DA EJA

A Educação de Jovens e Adultos surgiu para suprir as deixadas pelo sistema educacional regular. Ela compreende um conjunto diverso de processos e práticas formais e informais relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos, de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais. Desta forma, a escolarização de jovens e adultos pode ser considerada como proposta política redimensionada à plataforma de governo na tentativa de elucidação de um problema decorrente das lacunas do sistema de ensino regular (CUNHA, 1999).

Sendo assim, um dos principais objetivos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é alfabetizar aqueles que não tiveram oportunidade de estudar na infância ou que por algum motivo abandonaram a escola, proporcionando a estes a oportunidade de concluírem a educação básica já que, atualmente, a sociedade está cada vez requerendo das pessoas o grau de escolaridade fazendo com que muitos retornem aos estudos a fim de que tenham oportunidade de ingressar no mercado de trabalho, ou até mesmo para que possam ocupar cargos de níveis mais elevados.

A educação de jovens e adultos é toda educação destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários (PAIVA, 1973, p. 16).

Com o mercado de trabalho mais exigente e a concorrência acirrada, a EJA surge como uma oportunidade para aqueles que desejam dar continuidade aos seus estudos, concluir a educação básica e quem sabe ingressar em uma faculdade, já que a qualificação se faz necessária no mundo globalizado em que se encontram, fazendo com que muitos jovens e adultos retornem a escola objetivando maiores oportunidades no mercado de trabalho, já que a escolaridade atualmente é apenas um dos requisitos solicitados pelas empresas (CUNHA, 1999).

De acordo com Lara (2016, p. 21), o acesso à educação por muito tempo foi restrito a uma pequena parte da população brasileira. Com o passar dos anos, gerações anteriormente excluídas do desenvolvimento econômico e tecnológico passaram a ser alvos de políticas governamentais de reparação social, oferecendo

aos jovens e adultos o direito à educação, negado durante o processo histórico da educação brasileira, em que muitos jovens e adultos foram abandonados à própria sorte.

A EJA teve início no Brasil no período colonial, por volta de 1549, e nesta época a educação era uma tarefa que ficava nas mãos da igreja e não do Estado. Os jesuítas ensinavam os índios a ler e escrever, para que além de servirem a igreja pudessem realizar um trabalho manual.

A Educação de Jovens e Adultos surgiu no período do Brasil Colônia, direcionada à população adulta, que também necessitava ser doutrinada e iniciada. Possuía, tão somente, a intenção de tornar a população apta para a leitura do catecismo e, portanto, entender e seguir incondicionalmente as ordens dos colonizadores. Explicitamente, este trabalho consistia em um caráter puramente religioso que de certa forma educava, mas não formava um cidadão crítico, ou seja, estava longe de ser educacional, no sentido mais amplo deste termo (CUNHA, 1999).

Há que se ressaltar a fragilidade da educação ou do sistema de conclusão de ensino se assim pode ser chamado naquele período, considerando que a educação não era responsável pelo aumento da produtividade, pois esta se dava a partir do aumento do número de escravos, que refletia o descaso da dirigente com a educação.

Várias reformas educacionais da época do Brasil império preconizava que deveria haver classes noturnas de ensino elementar para adultos analfabetos. Entretanto, referências mais concretas sobre o ensino noturno para a população adulta datam do relatório apresentado pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo no qual informava duzentos mil alunos que frequentavam a escola, em 1876, evidenciada a disfunção, na época do ensino noturno para os adultos (CUNHA, 1999, p. 10).

O autor discorre que existia um número elevado de pessoas analfabetas, e por esse motivo deveria existir urgentemente o ensino noturno para alfabetização dos adultos que não tiveram acesso ao estudo na idade certa. No entanto, essa não era uma prioridade na época.

Em 1854 surgiu a primeira escola noturna no Brasil, cujo intuito era de alfabetizar os trabalhadores analfabetos, expandindo-se rapidamente até 1874 já existiam 117 escolas, sendo que as mesmas possuíam fins específicos como por exemplo: no Pará, para a alfabetização dos indígenas e no maranhão para esclarecer colonos de seus direitos e deveres (PAIVA, 1973 *apud* FRIEDRICH *et al.*, 2010, p. 394).

De acordo com o autor pode-se observar que a necessidade de alfabetizar os adultos trabalhadores era grande, pois, não tinham o direito de votar, o número de analfabetos crescia, por isso o ensino noturno expandira-se rapidamente, dessa forma poderiam conhecer seus direitos, deveres e exercer a cidadania.

Nos anos de transição do Império-República (1887-1897), a educação foi considerada como “redentora dos problemas da nação. Houve a expansão da rede escolar, e as ‘ligas contra o analfabetismo’, surgidas em 1910, que visavam a imediata supressão do analfabetismo, vislumbrando o voto do analfabeto”, de acordo com (PAIVA, 1973 *apud* FRIEDRICH *et al.*, 2010, p. 394).

A partir de então, a educação vinha sendo vista como solução para muitos problemas na sociedade, especialmente na política, desta forma o cidadão poderia votar, por isso, o interesse maior em alfabetizar a população inserindo assim metas e programas. A educação de jovens e adultos é parte integrada de um projeto sociopolítico global e parte do processo global de formação e capacitação popular. Almeja-se uma educação capaz de construir para formação de homens e mulheres dotados de consciência social e de responsabilidades.

No começo da década de 30, a alfabetização de adultos juntou-se aos movimentos estudantis e sindicais, e a questão do analfabetismo passou ser vista como consequência direta da pobreza e de uma política de manutenção de desigualdade. Foi então neste contexto que as ideias de Paulo Freire ganharam dimensão nacional, uma vez que pregava a proposta de uma alfabetização inovadora voltada para a libertação de homens e mulheres capazes de transformar a realidade social (CUNHA, 1999).

Quando começaram as primeiras iniciativas governamentais para lidar com o analfabetismo entre adultos, entendia-se que o seu fim seria fundamental para o crescimento econômico do país. O analfabetismo era visto com um mal social e o analfabeto como um sujeito incapaz.

Brasil (1997, p. 19) informa na Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino fundamental de Educação de Jovens e Adultos, “que a educação básica de adultos começou a delimitar seu lugar no Brasil a partir da década 30, quando finalmente começa a se consolidar no sistema público elementar do País”. Neste período, a sociedade brasileira passava por grandes transformações, associada ao processo de industrialização e concentração populacional em centros urbanos.

A oferta do ensino básico gratuito se estendia consideravelmente, acolhendo setores sociais cada vez mais diversos. A ampliação da educação elementar foi impulsionada pelo governo federal, que traçava diretrizes e metas educacionais para todo país, determinando as responsabilidades dos estados e municípios. Tal movimento inclui também esforços articulados nacionalmente de extensão de ensino elementar aos adultos, especialmente nos anos 40 (CUNHA, 1999).

Foi nesse contexto que as ideias de Paulo Freire ganharam dimensão nacional. Sua proposta inovadora pregava a necessidade de uma alfabetização voltada para a libertação, para a conscientização dos homens e mulheres como sujeitos capazes de transformar a realidade social. A educação passou a ser entendida como um ato político (BRASIL, 2007, p. 26).

Ressalta-se que, no momento houve uma grande preocupação por parte do governo, pois, existia um grande número de pessoas analfabetas no país. Diante deste acontecimento houve uma campanha nacional de massa, que ficou conhecida como a campanha de educação de jovens e adultos, lançada no ano de 1947. Onde o governo lança a 1ª campanha de alfabetização com o objetivo de alfabetizar em três meses.

Segundo Paiva (1997, p. 57), a 1ª Campanha foi lançada por dois motivos: o primeiro era o momento pós-guerra que vivia o mundo, que fez com que as Organizações das Nações Unidas (ONU) incumbissem uma série de recomendações aos países, entre estas, a de um olhar específico para a educação de adultos. O segundo motivo foi o fim do Estado Novo, que trazia um processo de redemocratização, que gerava a necessidade de ampliação do contingente de eleitores no país.

Ainda, no momento do lançamento da 1ª Campanha, a Associação de Professores do Ensino Noturno e o Departamento de Educação preparavam o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos. Pois, seguiria uma etapa de "ação em profundidade", voltada para a capacitação profissional e o desenvolvimento comunitário (PAIVA, 1997).

Nos primeiros anos, sob a direção do professor Lourenço Filho, a campanha conseguiu resultados significativos, articulando e ampliando os serviços já existentes e estendendo-os às diversas regiões do país. Num curto período de tempo foram criadas várias escolas supletivas, mobilizando esforços das diversas esferas

administrativas, de profissionais e voluntários. O clima de entusiasmo começou a diminuir na década de 50; iniciativas voltadas à ação comunitária em zonas rurais não tiveram o mesmo sucesso e a campanha se extinguiu antes do final da década.

Nessa época, o analfabetismo era visto como causa (e não como efeito) do escasso desenvolvimento brasileiro. Além disso, o adulto analfabeto era identificado como elemento incapaz e marginal psicológica e socialmente, submetido à menoridade econômica, política e jurídica, não podendo, então, votar ou ser votado (CUNHA, 1999, p. 48).

Percebe-se que, as autoridades não estavam preocupadas com o aprendizado dos alunos, queriam somente que exercessem a cidadania, dessa maneira, eles seriam os maiores beneficiados. Ou seja, o poder público não se preocupava de fato com a educação dos cidadãos, agia em benefício próprio.

Crítica que até então fora realizado na educação de Adultos, focalizando o analfabetismo sob novas perspectivas, o plano piloto da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (Cena) afirmava não ser mais possível empreender movimentos com objetivos iguais aos propostos pelos sistemas de ensino do século XIX, para simplesmente dotar a população à mera capacidade de ler (PAIVA, 1997).

Nesse contexto, Paulo Freire não era um mero espectador da história do seu povo de modo que suas ideias trazem claras e explícitas as marcas da experiência vivida pelo Brasil nessas últimas décadas. Ele soube reconhecer com clareza as prioridades nesta etapa crucial assinalada pela política das classes populares e pela crise das elites dominantes. No final dos anos 50, as proposições de Freire demarcaram uma revolução conceitual na área da Educação de Jovens e Adultos, sendo coordenador do Plano Nacional de Alfabetização, em 1958, evento que veio a se constituir um marco histórico para a área. Não é possível discutir sobre essa modalidade sem este educador e suas ideias que contribuíram e contribuem até nos dias atuais para uma educação de qualidade (PAIVA, 1997).

Desse modo, Freire tinha sua concepção de alfabetização como ato de conhecimento criador, e o alfabetizando como sujeito do seu próprio processo de alfabetização. Nesse sentido, foi possível desenvolver o seu método tendo como ponto de partida a realidade dos sujeitos, e como metodologia o diálogo e como ponto de chegada, a conscientização e a intervenção no sentido de transformação da realidade. Acreditava que a educação de jovens e adultos é um processo discursivo-

dialógico. Pauta-se nas relações interpessoais dialógicas, na interatividade da relação educador-educando e dos seus educandos entre si (SANTOS, 2013).

Os Estados e Municípios são considerados os agentes públicos responsáveis a desenvolver programas de alfabetização e ensino fundamental e médio para jovens e adultos. Assumem esta modalidade de educação como um compromisso social e criam condições para seu desenvolvimento, com a estruturação de setores para a organização de suas ações.

O capítulo dedicado a Eja no PNE aprovado pelo Congresso na forma da Lei n.10.172/2001 teceu um diagnóstico que reconheceu a extensão do analfabetismo absoluto e funcional e sua desigualdade distribuição entre as zonas rural e urbana, as regiões brasileiras, os grupos de idade, sexo etnia (DI PIERRO, 2010: 944).

Desde então que os Estados assumem as responsabilidades com os financeiros da educação da EJA, definindo metas a serem alcançadas mesmo sem a participação da comunidade como cita BRASIL (2008 , p. 25), que em 2004, já sob o governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva, é criado a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), tendo como responsabilidade traçar diretrizes políticas e pedagógicas para a EJA.

De acordo com Di Pierro (2010), embora mencionasse a necessidade do corpo docente, o Plano previa apenas que os estados mantivessem programas de formação de educadores para atuar na alfabetização e séries iniciais da Eja. Perdeu-se assim, a oportunidade de convocar as instituições de ensino superior a se engajar na formação continuada de docentes que atuam em projetos comunitários e nas redes públicas de ensino.

No decorrer da segunda metade da década de 1990, entretanto, o território concreto da formação e implementação das políticas governamentais no Brasil mostrou-se bastante problemático para a EJA [...] O presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) induziu a manipulação e focalizou o investimento público no ensino fundamental de crianças e adolescentes, mediante a criação, em 1996, de fundos de financiamentos em cada uma das unidades da Federação (DI PIERRO, 2010, p. 941).

Os exames supletivos, definidos pela legislação, poderiam ser realizados ao nível de conclusão do ensino de 1º grau, para os alunos maiores de 18 anos de idade e ao nível de conclusão de 2º grau para os maiores de 21 anos. A responsabilidade pela realização dos exames ficava a cargo dos respectivos estabelecimentos oficiais

ou reconhecidos, indicados anualmente pelos Conselhos de Educação e os certificados de aprovação dos exames supletivos eram expedidos pelas instituições mantenedoras.

O percurso da Educação de Jovens e Adultos no Estado do Pará foi um processo que aconteceu de forma criteriosa. Segundo DI PIERRO (2010, p. 941), essa fase ocorreu em 1996, quando foi instituído a LDB nº 9.394 que distribuiu a responsabilidade pública pela manutenção e desenvolvimento entre as três esferas do governo. Com o surgimento dessa Lei coube prioritariamente aos Estados e Municípios implementar programas de educação básica de jovens e adultos, com o apoio técnico e financeiro suplementar da União, normatizando a obrigatoriedade e a gratuidade do Poder Público em oferecer o ensino fundamental aos jovens e adultos.

O artigo da 4ª da LDB afirma. Oferta de educação escolar regular para jovens e adultos com características e modalidades adequadas as suas necessidades e disponibilidades garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 2012, p. 20)

Assim a história da EJA no Brasil foi moldada por fatores culturais, políticos e econômicos, sempre a serviço dos interesses neoliberais e da minoria dominante dos que se encontram no poder. Por esses e outros motivos que manter os alunos adultos na escola é um desafio ainda, pois, muitos deles nunca estudaram e, portanto, não estão acostumados com dinâmicas do ensino.

[...] Uma concepção simplista e facilista da alfabetização, vista como um processo que pode ser realizado em pouco tempo, em condições precárias, com educadores em ou mínima capacitação, com métodos únicos, escassos materiais de leitura e escrita pouco aproveitamento das modernas tecnologias; e sem levar em conta a diversidade linguística e cultural dos educandos (GLEADE, 2009, p. 42).

Afirma a autora que é um desafio fazer acontecer uma educação de qualidade, com a inexistência de programas de capacitação para os docentes ou até mesmo materiais adequados para os alunos, acrescido ainda da diversidade linguística pluricultural dos alunos adultos. O educador deve facilitar o processo de ensino e aprendizagem levando o alunado a uma concepção diferenciada de educação, entendendo que podem ir além fazer pesquisas, ultrapassarem o medo a insegurança, entender o ser social agindo inserindo-se a sociedade através do processo educativo.

A educação de Jovens e Adultos é amparada tanto pela Constituição Federal de 1988 como também pela Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, que juntas determinam as características e objetivos desta modalidade de ensino. Um dos principais objetivos da EJA, é o resgate da educação por parte daqueles que não tiveram oportunidade de concluírem seus estudos por inúmeros motivos, entre eles se pode citar: a falta de interesse por parte dos educandos, falta de tempo, falta de oportunidades, falta de vagas disponíveis etc. A seguir será mostrado o que diz a Constituição Federal de 1988 em seu art. 208 (SANTOS, 2013).

1.2 POLÍTICAS E PROGRAMAS PARA A EJA

Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 37 tem-se que a Educação de Jovens e Adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria.

§ 1º - Os Sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens aos adultos, que não puderam efetuar o estudo na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características dos alunados, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames;
§ 2º - O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1988, s/p.).

A legislação brasileira ampara a EJA como sendo uma modalidade específica para Jovens e Adultos, a qual se destina para completar o ensino fundamental ou ensino médio, dando oportunidades aos indivíduos que não concluíram esta etapa educacional, onde visa que os mesmos tenham uma melhor oportunidade de emprego. Sabe-se que a educação não visa desenvolver somente o lado disciplinar, mas também, tem como objetivo a socialização do sujeito.

Art. 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular; § 1º - Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão; I- No nível de conclusão do Ensino Fundamental, para os maiores de quinze anos; II- No nível de conclusão do Ensino Médio, para maiores de dezoito anos; § 2º - Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educados por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1988, s/p.).

É importante destacar que esses programas educacionais dos grandes grupos no Brasil são implementados em parceria com instituições públicas e, portanto, com recursos públicos. Dessa forma, esses programas vieram para amenizar o alto índice de analfabetismo no país, pois surgiram como um novo momento para os estudantes da EJA.

Art. 208 - O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; VI - oferta de ensino noturno regular adequado às condições do educando (BRASIL, 1988, s/p.).

Apesar de a educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil vir gradativamente sendo reconhecida como um direito para milhões de pessoas que não tiveram oportunidade de realizar sua escolaridade desde meados do século passado, esse direito só foi formalizado em lei, como como dever de oferta obrigatória pelo Estado brasileiro, a partir da Constituição de 1988, e reafirmado pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996.

No período de 1993 a 1996, não existia uma política específica para o atendimento de analfabetos jovens e adultos. Porém foram criados alguns projetos que atendiam, precariamente, os alunos jovens e adultos, como foi criado pela SEMEC - Secretaria Municipal de Educação, o projeto "Salas Abertas", cuja meta era a alfabetização de jovens e adultos. Apesar dos esforços da Secretaria, o projeto não obteve o êxito esperado (BRASIL, 1988).

De acordo com Santos (2013 p. 10), a EJA busca inspirações na concepção libertadora de Paulo Freire. Implica, portanto um caminhar que parte da leitura da realidade, dos temas sociais de abrangência e urgência nacional e dos temas de interesse local.

A dimensão discurso-dialógica se faz presente nas diversas situações pedagógicas, pois, os mesmos poderão está praticando o discurso oral escrito, na sua forma simples de falar ou escrever na corporação do saber popular, ao lado do saber erudito e científico, na ajuda mútua entre colegas, com a intervenção do educador, que oferece informações necessárias para o avanço do desenvolvimento do educando.

De acordo com Conselho Estadual de Educação (2008), onde se lê a resolução da Lei Estadual, que ampara a Educação de Jovens e Adultos (EJA), como sendo uma modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira e adotada por algumas redes particulares que recebe os jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada por qualquer motivo entre os quais é frequente a menção da necessidade de trabalho e participação na renda familiar desde a infância.

No início dos anos 90, o segmento da EJA passou a incluir também as classes de alfabetização inicial. O segmento é regulamentado pelo artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da educação (a LDB, ou lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996). É um dos segmentos da educação básica que recebe repasse de verbas do Fundo de Educação (HADDAD, 2003, p. 112).

Graças aos esforços de pessoas preocupadas em mudar o vergonhoso índice de analfabetismo no Brasil e com o intuito de reduzi-lo, são apresentados os programas para a educação de jovens e adultos. Araujo (2006, p. 25) comenta: "Um programa que merece destaque no cenário da Educação de Jovens e Adultos é o *Programa Alfabetização Solidária* lançada na capital Portugal, Natal, em 1996 durante Seminário Nacional de Educação de Jovens e Adultos e foi pouco discutido na sociedade". Esse Programa ainda em execução tem por objetivo alfabetizar jovens e adultos em cinco meses. É financiado pelo governo em parceria com universidades e empresas privadas.

Embora o percurso do programa para o estágio apresentado não tenha galgado uma trajetória não linear, permitindo, desta forma, até os dias atuais que a EJA continue ainda, ocupando um lugar secundário nas prioridades do governo.

Pouco prestigiada, mas ainda assim deteve a atenção da esfera que regulamenta a educação no país, quando foi inclusa na política de financiamento (FUNDEB) e nos programas de assistência aos estudos, mas que estão longe de atender adequadamente a clientela da EJA como: alimentação diferenciada, transporte escolar, bons livros didáticos. Assim sendo, são várias as evidências que apontam a ausência de um olhar atento para a Educação de Jovens e Adultos, pois, o que há são projetos carentes de ideias inovadoras e as que existem são pouco consensuais para a EJA.

Nesse sentido, a má gestão da política social e educacional ganha um reforço no que se refere à estagnação dos projetos voltados à EJA, seja qual for a esfera administrativa, a dimensão continental do Brasil.

A falta de unidade nas propostas governamentais se reflete na multiplicidade de iniciativas, como: Brasil alfabetizado, Programa Nacional de Inclusão de Jovens – (PROJOVEM), Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a educação básica na modalidade de EJA - (PROEJA), Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Exame Nacional de Certificação de Competências (ENCCEJA), Saberes da Terra, dentre outros (ARAUJO, 2002 *apud* DI PIERRO, 2005, p. 27).

Com o avanço de estudos e pesquisas sobre a educação as políticas voltadas à EJA, na gestão de outros governos, tiveram uma merecida atenção graças à implantação de vários programas voltados às pessoas do meio rural ou urbano, com consideráveis dificuldades de frequentar a escola. O intuito do governo, que fez a vez de “pai dos desfavorecidos”, foi ofertar outras opções de estudo e qualificação aos jovens e adultos, na tentativa de dar o golpe de misericórdia no analfabetismo. Porém, toda política é flexível capaz de adequar-se às condições que os âmbitos, as quais elas, serão aplicadas. Significa dizer que os percalços encontrados deverão ser sanados, ou contornados, ou ainda, consensualizado em prol do bem maior de uma política pública voltada à educação, ou seja, à instrução adequada para jovens e adultos.

Ferraz (2010, p. 35) fala a respeito de alguns programas destinados para a EJA que repercute também nos percursos ao longo do período, implicando duplicidade de critérios, pulverização de recursos, dificuldades de consolidação e riscos de descontinuidade. Uma vereda promissora aberta pelo Ministério da Educação (MEC) a partir de 2005 reside na articulação da elevação de escolaridade dos jovens e adultos com oportunidade de qualificação profissional através do PROEJA, que reorientou parcialmente recursos físicos e humanos pré-existent na rede de escolas técnicas federais para grupos sociais que raramente a elas tinham acesso.

A autora ainda avalia que até o momento o programa está instalado em pequenas escolas e no censo escolar de 2008 registrou-se quase 19 mil matrículas na educação de jovens e adultos integrada ao ensino profissional, sendo pouco menos de 4 mil escritos no ensino fundamental e quase 15 mil escritos no ensino médio.

A partir de 2002, o governo federal criou o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), por meio do qual pode, mediante convênio com Estados e Municípios, substituí-los na realização de exames supletivos. Assim de acordo com o Conselho Estadual de Educação (CEE), Resolução nº 147/2008 estabelece normas para ofertas de cursos e exames do Ensino Fundamental e Ensino Médio na modalidade de Jovens e adultos no sistema de ensino do Estado do Pará (FERRAZ, 2010).

O PNLD-EJA é o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos. Está normatizado pela Resolução CD/FNDE Nº 51/2009, que dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA). Ele incorporou o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), e ampliou o atendimento, incluindo o primeiro e o segundo segmentos de EJA, que correspondem aos anos iniciais e finais do ensino fundamental e o ensino médio na modalidade EJA. Seu objetivo é distribuir obras e coleções de qualidade para alfabetizandos do Programa Brasil Alfabetizado e estudantes da EJA das redes públicas de ensino ((FERRAZ, 2010).).

Observa-se que, o livro didático é importante para o desenvolvimento dos alunos, tanto nas pesquisa como aprender o hábito da leitura, ainda é preocupante a falta de interesse em relação ao uso do livros didático, ou seja, os mesmo são inseridos nas escolas como forma de facilitação no aprendizado dos alunos da (EJA), Educação de Jovens e Adultos. Todavia a necessidade de trabalhar com o livros didáticos que condizem com a realidade em que está inserida.

A Resolução/CD/FNDE nº 26, de 17 de junho de 2013, dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE. (FERRAZ, 2010).).

1.3 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DO EJA

A falta de profissionais com perfil para trabalhar na EJA, é um problema muito sério e que acarreta dificuldades para que se possa seguir as bases curriculares oferecidas nos parâmetros educacionais. Na formação continuada tem que se procurar focar metodologias, avaliação e relação professor/aluno de forma sistemática, sendo o mais objetivo possível.

Não há como negar que a EJA já tem suas demandas próprias, sendo impossível desenvolver programas de qualidades sem que os recursos estejam garantidos e, normalmente nas escolas, esses professores se veem obrigados a improvisarem o local para suas aulas, os materiais utilizados e até mesmo os educadores são arranjados. Para resolver essa demanda, a profissionalização do corpo docente e o enriquecimento dos ambientes da aprendizagem são fundamentais.

Para superar o quadro atual de rotatividade e precariedade do vínculo de trabalho, propõem-se valorizar os profissionais que possuem formações e atuam na Eja, mediante justa remuneração e adoção de critérios de seleção, ingresso e progressão na carreira que estimule a dedicação e permanência dos docentes na modalidade (BRASIL, 2010, p. 29).

Nesse sentido, cada vez mais os professores da EJA têm de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno, a baixa autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, a questão geracional, a diversidade cultural, a diversidade étnica. É preciso discutir a gestão socioeconômica e de classe de maneira conjunta na formação continuada desses professores para que não fiquem ausentes dessa execução e, assim, terem alternativas e estratégias pedagógicas para superar essa situação em sala de aula.

De acordo com a LDB nº 9.394/96 alterada pela Lei nº 12.056/2009 aborda sobre um regime de colaboração compreendido entre União, Distrito Federal, Estados e Municípios para promoverem a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. Normatiza ainda que, na formação continuada da capacitação dos profissionais de magistério devem ser utilizadas as tecnologias da educação a distância (FERRAZ, 2010).

As universidades, os institutos Superiores de Educação e as escolas normais formarão os profissionais de educação. E sua experiência docente passa a ser requisito básico para o exercício do magistério. Dessa forma, faz-se necessária a formação do profissional para que se entenda a necessidade no campo da formação continuada desses professores que não fiquem ausentes dessa discussão e, assim terem alternativas e estratégias pedagógicas para superar essa situação em sala de aula.

Uma tarefa fundamental dos professores da EJA é conhecer que saberes e habilidades os alunos desenvolvem em função do seu dia-a-dia, assim acontecerá uma troca de experiências onde o aluno poderá se sentir à vontade e interagir de

forma satisfatória com os demais e com o professor, desta forma acontecerá interação e companheirismo onde o aluno se sentirá a vontade para indagar e tirar suas dúvidas questionando e obtendo resposta do professor que estará qualificado para ensinar (SCHWARTZ, 2012).

Parece existir uma crença generalizada de que o fazer docente é consequência “natural” do saber. De fato, só saber é condição para fazê-lo, porém isso não é suficiente. A condição do professor ter se apropriado de inúmeros conhecimentos teóricos sobre determinado assunto não lhe assegura que forem solicitados. O saber do professor demanda conhecimento teórico, mas inclui, além disso, habilidades e recursos que transcendem a ele. É preciso saber e saber fazer nas situações reais (SCHWARTZ, 2012).

Partindo desse pressuposto, entende-se que o educador além de estar bem preparado de conhecimentos teóricos também tem que está pronto para resolver situações na prática docente. Logo, é necessário que o educador atue com maturidade e encare a realidade dos educandos de acordo com a necessidade dos mesmos havendo assim interação e entendimento de ambas as partes. É papel do professor mostrar interesse na forma de ensinar saber lidar com as situações correntes no dia-a-dia, levando o aluno a sentir-se seguro e à vontade para indagar e obter respostas para suas indagações.

O saber fazer precisaria fazer parte do currículo da formação docente. No entanto, existem evidências de que frequentar cursos de licenciatura não tem garantido aos professores egressos o conhecimento **do que e do como** ensinar os alunos. Apesar dos avanços produzidos no conhecimento teórico nas áreas da alfabetização, do ensino e da aprendizagem, muitas das práticas de professores e professoras, envolvidos na tarefa do alfabetizar, têm permanecido iguais durante décadas. Parece indispensável que os programas de capacitação incluam como um dos objetivos o de (re) alfabetizar os professores – alfabetizadores (FERREIRO, 2007 *apud* SCHWARTZ, 2012, p. 83).

O saber fazer requer teoria e prática, por isso é importante que se oportunize que os alunos dos cursos de Pedagogia reflitam criticamente situações específicas de sala de aula, estudos de casos reais utilizando-se em seus planejamentos e intervenções didáticas organizadas do fazer docente. Coerente com essa percepção da inteligência, o professor sabe que precisa ensinar partindo da lógica de aprendizagem processual dos alunos.

Ensinar e aprender corresponde a atividades complementares, uma definida pela outra. Se o aluno não aprende é porque o professor não soube ou não pôde lhe ensinar, muitas vezes o professor está restrito a definições elaboradas de acordo com algum planejamento da escola, percebendo como desvalorização o seu próprio conhecimento ou seus próprios pensamentos sobre as mesmas questões (SCHWARTZ, 2012).

O que significa compreender currículo como forma de problematizar a micropolítica, o cotidiano, em diálogo permanente com os outros tempos e espaços sociais. Com este entendimento, afirma-se uma concepção de currículo que aproxime os sujeitos das suas experiências. "Aproximando-o das formações de professores, convidando estes sujeitos e espaços a esgarçarem a lógica dos binarismos, antagonismos, concepções "naturalizadas" sobre corpo, educação e sociedade" (SACRISTAN, 2000, p. 92).

Neste movimento, quando as formações de professores privilegiaram o enredamento de saberes, valorizando as diferentes experiências educacionais e sociais pode tornar-se lugar de promoção e criação de práticas pedagógicas questionadoras e transformadoras.

Segundo Perrenoud (2000, p. 14), o ofício do professor não é imutável, suas transformações passam "[...] principalmente pela emergência de novas competências e ou pela acentuação de competências reconhecidas, para enfrentar a crescente heterogeneidade dos efetivos escolares e a evolução dos programas". O professor, diante dessa proposta, tem em mãos o exercício da sua autonomia, na escolha de ações pedagógicas que melhor farão desenvolver o conteúdo a ser trabalhado. Poderá também realizar metodologias que auxiliarão no processo ensino e aprendizagem, planejando aulas diferentes envolvendo os alunos de forma que se sintam bem, que realizem seus trabalhos com entendimento e com satisfação.

A formação do professor é muito importante para atuar nesta modalidade de ensino, pois estes alunos criam expectativas a respeito do professor das aulas, das atividades realizadas no ambiente escolar, porém, o professor qualificado saberá agir de forma adequada inserindo assim propostas, atividades, e metodologias que com certeza serão de grande importância e relevância na aprendizagem dos alunos e o profissional estará agindo de forma satisfatória, desenvolvendo suas metodologias onde todos serão beneficiados e acontecerá a almejada educação de qualidade.

De acordo com a autora Schwartz (2012, p. 58), as estratégias de ensino a serem utilizadas pelos professores alfabetizadores têm sido diversificadas tanto em relação às concepções como ao estilo pessoal de cada docente. Mas, apesar da divulgação das novas ideias, um grande número de professores continua seguindo, como eles próprios nunca vivenciaram essas novas propostas, eles têm dificuldades em serem convencidos sobre a eficácia dos novos métodos. Assim sendo, eles não conseguem perceber a necessidade de revisar a teoria que embasam práticas.

De acordo com Fernandez (1998, p. 27), os cursos de formação de professores deveriam trabalhar mais profundamente as questões relacionadas às dinâmicas de grupo, os aspectos subjetivos deveriam ocupar mais da metade posto na formação de professores, e menos da metade do tempo deveria ser ocupado mais particularmente com os conteúdos.

Dessa forma, o autor relata que nos cursos de formação de professores deveria ser implantado com mais frequência, dinâmica como prática pedagógica envolvendo os conteúdos a serem trabalhados envolvendo o educando levando-o a interagir raciocinar, aprender, envolver-se e alcançar o objetivo. É importante perceber as relações e consequente importância de se planejar, tanto ações internacionais para a constituição do grupo, como para a qualidade dos professores.

Nesse contexto, observa-se que muitos educadores vivenciam novas metodologias para o enriquecimento das aulas, assim, formas práticas de facilitar o aprendizado do alunado, porém, ainda existem profissionais que ainda não se adequaram a essa proposta inovadora, insistindo em continuar na mesmice, retardando as metodologias. Muitos dos educadores têm medo do novo, da prática, de sair da rotina, sabe-se que no processo de ensino e aprendizagem é necessário que haja metodologias diversificadas que podem auxiliar, facilitar, ajudar tanto o corpo docente como o discente da escola.

Nessa perspectiva, o professor na atualidade tem que interagir com os outros profissionais buscando qualificação para atender o alunado que vem para a escola confiante com expectativas de aulas interessantes, porém, através de novas metodologias o professor poderá está alcançando seus objetivos e seus alunos com expectativas realizadas e aptos a prosseguirem com sua formação

1.4 O DOCENTE FRENTE ÀS PROPOSTAS DA EJA

Ao se falar da atuação dos professores em salas de EJA, não se pode deixar de mencionar a importância de uma formação acadêmica de qualidade, ou seja, uma formação na universidade que prepare o educador para atuarem nesta modalidade de ensino, não cabe apenas ao professor a tarefa da formação do perfil do educando da EJA, a sociedade e o governo também têm o dever de garantir essa formação, isso porque o meio social tende a influenciar diretamente na construção das características da postura que o docente deve assumir, levando em consideração as especificidades dos alunos.

O trabalho do docente é árduo, complexo e desafiador, por envolver questões variadas que concerne à educação. É através do estudo, da teoria e da prática que o educador se ajudará e poderá ajudar os educandos no processo de ensino aprendizagem. Uma das principais dificuldades que o professor irá enfrentar em sala da EJA é o fato da sala de aula dispor de uma clientela distinta que busca o ensino, mas não apenas uma educação formal, a esperança de melhoria de vida, tem expectativas diferentes das infantis. E isso não é objeto inerente ao currículo na formação do professor. E quando este se depara com problemas na vida familiar, ou com rostos cansados, depois de um dia de trabalho, que busca a aprendizagem a qualquer custo.

Supõe que o professor se interesse por cada aluno, busque conhecer suas motivações e seus contextos culturais, estabeleça com ele um relacionamento de confiança mútua, tranquila, sem decair em abusos e democratismos. Trata-se sempre de aprender junto, instituindo o ambiente de uma obra comum, participativa. A experiência do aluno será sempre valorizada, inclusive a relação natural hermenêutica de conhecer a partir do conhecido. O que se aprende na escola deve aparecer na vida (DEMO, 2002 p.17).

Uma das dificuldades apresentadas também por parte do professor é a bagagem cultural que cada aluno traz consigo e as dificuldades que surgem destes e que devem ser trabalhados em ambiente escolar. Desta forma os educadores, muitas vezes preocupados e ansiosos em destrinchar os conteúdos curriculares, acabam desprezando o rico conhecimento prévio do aluno.

Na concepção de Gadotti que (2008, p.17):

No mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular.

Torna-se importante também levar em consideração o relacionamento afetivo entre educando e educador, como a amizade, a confiança, porque os educandos atribulados pelos conflitos diários, sentem-se desestimulados e acabam perdendo o interesse, o foco pelo aprender, o que através de um contato gentil, caloroso e amigável com o professor ajuda a despertar a vontade de continuar e assimilar os conteúdos propostos no processo de ensino aprendizagem.

De acordo com Marinho (1998), não há dúvidas de que se tem o objetivo de ampliar as experiências de letramento dos alunos, sejam adultos, ou jovens, é necessário escolarizar de forma adequada às práticas sociais pedagógicas com as quais se convive no dia a dia. Já no final do século XX, as propostas oficiais de diferentes secretarias de educação têm apontado para a necessidade, na área das práticas pedagógicas que envolvam o alunado.

Portanto, as práticas pedagógicas devem estar presentes na vida educacional do docente sendo vista como suporte para elaborar as atividades e planejar-se, auxiliando na atuação como docente, fazendo-se presente de forma satisfatória, pois, dessa forma haverá aprendizados e estarão preparados para o mercado de trabalho para uma vida profissional, sendo notório que o mercado exige qualificação, sendo assim, quando há a qualificação é provável que as portas de trabalho se abram aos educando.

As práticas pedagógicas diferenciadas revelam a importância da aprendizagem, pois, todos podem aprender mesmo que seja de formas diferenciadas uns com a vivência e outros com a convivência, pois, o ser humano sempre vive constantes mudanças pode aprender, adquirindo conhecimentos aprendendo e vivendo experiências novas, porém o aprendizado pode acontecer em qualquer idade dependendo da vontade e interesse de cada pessoa. O ato de aprender requer disposição, força de vontade e empenho diante da vida estudantil. Seriam esses aspectos estáveis dos processos de ensino e de aprendizagem.

A seleção de conteúdo também está relacionada com as concepções de ensino, de aprendizagem e de alfabetização que embasam a prática pedagógica de professores. Para selecionar os conteúdos é preciso incluir não só a preocupação com a qualidade dos conhecimentos selecionados, como viabilizar para quem o para quê e como ensinar.

Ensinar é ciência e, como tal, demanda explicações/compreensões racionais e objetivas, procurando estabelecer relações racionais e objetivas, procurando estabelecer relações entre os fenômenos de maneira metódica e

rigorosa, buscando caminhos para os objetivos a que se propõe: a aprendizagem de todos (FREIRE, 1998, p. 17).

Dessa forma pode-se observar que, o aprendizado não é algo que se concretiza em receita pronta e absoluta em que se possa agir de forma isolada, e muito menos que suas ações permearão apenas a recepção de informações, ou produto oriundos da mente dos mais experientes.

Na verdade, o mais aconselhável é que o professor mediador deve agir de forma programada contextualizando o ensino e aprendizagem às necessidades dos educandos garantindo sucesso no processo educacional. Claro que essas ações exigirão organização, disciplina e planejamento para eu não haja falta de compromisso na prática pedagógica, causando desistência do alunado.

Um grupo se constroi através da constância da presença de seus elementos, na constância da rotina e de suas atividades; na organização sistematizada de encaminhamentos; no espaço heterogêneo das diferentes de cada um dos participantes; enfrentados o medo o novo provoca; educando o risco de ousar. Na cumplicidade do riso, da raiva, do choro, do medo, do ódio, da felicidade e do prazer (FREIRE, 1996:13).

Porém, para que o grupo se constitua como o encontro sistemático de sujeitos, em uma mesma hora e local, com objetivos, semelhantes, o professor precisa planejar e oportunizar a construção de um clima propício para que o aluno possa sentir-se à vontade pra expressar-se diante das vivências dentro da sala de aula, expor seus pensamentos, interagir, discutir ideias, elaborando argumentos, envolvendo-se nas atividades realizadas dentro e fora da sala de aula, dessa forma envolve-se positivamente desenvolvendo-se e assegurando o aprendizado participativo.

O aluno precisa sentir que o professor é aceitável, que confia nos alunos, que é cúmplice e que é solidário. Esses sentimentos confiança, cumplicidade, solidariedade podem funcionar como amálgama para o grupo e precisam ser construídos e retro aliados em cada encontro.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Artigo 12, § 1º, os estabelecimentos de ensino, respeitados as normas comuns e as de ensino, terão a incumbência de elaborar sua proposta pedagógica e cada escola precisará ter um projeto ou proposta pedagógica definindo o seu papel social, cultural e educacional.

2 CAUSAS DA EVASÃO NA EJA: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A evasão escolar na EJA no Brasil é motivo de muitas discussões no âmbito educacional que precisa de uma atenção especial, a mesma não se trata de um problema isolado de algumas escolas, mas sim de ordem nacional, que vem crescendo cada vez mais, principalmente nas escolas públicas cujos alunos, em grande medida são de baixa renda econômica.

De tal modo, acerca das práticas pedagógicas que não são adequadas à realidade dos alunos da EJA, é preciso conhecer uma proposta inovadora e motivadora onde as disciplinas sejam integradas e não separadas, aproveitando essa bagagem de conhecimento de cada aluno, pois ele precisa se encontrar socialmente entre os objetivos de cada conteúdo propostos no trabalho letivo para que cada disciplina, a ser introduzida em sua vida diária e contribua em sua prática social, assim quem sabe motivar o aluno frequentar a escola.

2.1 A APRENDIZAGEM DO ALUNO DA EJA

2.1.1 O perfil do aluno da EJA

Segundo Saviani (1991), a educação é um processo tipicamente humano que possui uma especificidade humana de formar cidadãos por meio de conteúdos “não materiais” que são ideias, teorias, valores, conteúdos estes que influirão decisivamente, e conforme avaliamos na vida de cada aluno.

O que diz o professor Saviani (1991, p. 19):

Para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza ativa e intencionalmente, os meios de sua subsistência. Ao fazer isso ele inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano, o mundo da cultura.

Segundo Saviani (1991) é possível perceber que as características de alunos que se evadem da EJA, são aqueles que estão maravilhados com algumas, mas interessantes formas oferecidas pelo mundo do trabalho de onde este aluno precisa garantir muitas vezes seu “pão de cada dia”, seu sustento e de sua família, muitas vezes.

Desta forma, o aluno, aliado aos interesses do mundo do trabalho, é preciso observar as garantias da sua subsistência material, mas preocupado com a consequente produção em escalas cada vez maiores e complexas de bens materiais, fruto de trabalho exercido pelos que neste atuam. E dentro dessa compreensão, é necessário fazemos saber que de acordo com os educadores, o resultado do que a falta do ensino da EJA é a oportunidade de se fazer com que alguns cidadãos possam ser vistos pela sua pobreza e logo em seguida pela garantia da sua permanência na escola. Fora desta instituição de ensino, este aluno estará submetido mais ainda ao aumento de formas de violência, problemas que também estão relacionados à educação na sua real desistência e na medida que as estatísticas apontam maior índice de evasão.

A educação de jovens e adultos (EJA) é complexa, indo além de ensinar a ler e escrever. O perfil dos alunos da EJA em sua maioria são trabalhadores e não trabalhadores em busca de melhores condições de vida, melhora na autoestima, e que buscam vencer as barreiras da exclusão provocadas por um sistema educacional excludente.

O público atendido pela EJA é de pessoas que na idade regular não puderam estudar, ou por não sentirem-se atraídos pelo conteúdo escolar acabaram deixando a escola. Isto acaba gerando uma exclusão dos indivíduos analfabetos dentro da sociedade e da própria escola. Muitos são os problemas que dificultam o ingresso de pessoas no ensino na idade regular, alguns destes problemas são: gravidez precoce, drogas, desinteresse, condições financeiras. (PEDROSO, 2010, p. 25).

Em geral o público atendido pela EJA é de jovens e adultos com 15 anos ou mais, que por algum motivo não teve a oportunidade de concluir os estudos na idade certa ou desistiram de estudar abandonando a escola. Para se entender esta modalidade educativa e o fenômeno do abandono será apresentado de forma sucinta, uma breve abordagem histórica da educação de jovens e adultos no Brasil.

Atualmente a demanda de alunos, sejam eles jovens, adultos ou idosos é grande para o ingresso na EJA, eles procuram um ensino de boa qualidade que contemple questões pessoais, exigências para o mercado de trabalho, e os saberes para atuar tanto nos meios sociais, econômicos, políticos e culturais, com horários flexíveis às suas condições de vida.

Porém, essa não é a realidade que vemos nas escolas: os horários são determinados sem grandes flexibilidades, os currículos são determinados pelas

Secretarias de Ensino, sem direcionamento específico para as reais expectativas e demandas dos educandos.

A vivência dos educandos é de fato importante e significativa na construção do saber, é a base para começar introduzir os currículos escolares contextualizados com a realidade em que vivem, pode-se dizer que é uma auto recuperação dos momentos vividos por si, para contextualizar introduzindo os conceitos a serem trabalhados na escola partindo de suas experiências extraescolares, para aprofundar conhecimentos formais, que os levem a inclusão na sociedade letrada.

E neste processo a escola também tem seu papel, sendo ela estimuladora da continuidade dos estudos e na dedicação de seus alunos. Deve-se entender que cada um desses alunos tem uma história de vida que precisa ser entendida e respeitada, que a partir de atitudes como essas, podemos conquistar a confiança desses alunos e torná-los interessados em continuar em sala de aula.

2.1.2 A motivação no processo de ensino-aprendizagem

De acordo com Brasil (2001) entender a educação como um direito básico de desenvolvimento pessoal é o primeiro passo para que eles possam superar os sentimentos de inferioridade e incapacidade, assumindo o papel de cidadãos conscientes dos seus direitos.

Os alunos da EJA buscam um ensino que reconheça seu conhecimento, que sane as suas dificuldades, e que valorize o ser que está ali, pois eles já são experientes de uma cultura, e tem uma capacidade de reflexão e autoconceito de suas possibilidades e limites.

A partir do momento em que o aluno da EJA entende que só por meio da educação é possível conquistar espaços e oportunidades, com certeza será instigado a buscar a educação de maneira que tem consciência, que a educação lhe trará oportunidades e o direito de concorrer a empregos de igual para igual com outras pessoas, não terá o sentimento de inferioridade, passará a se respeitar e se ver como um cidadão provido de deveres, mas também de direitos, tendo a consciência de lutar pelos seus sonhos e interesses.

O aluno adulto tem como característica responder pelos seus atos e palavras, além de assumir responsabilidades diante dos desafios da vida. O predomínio da racionalidade é outro aspecto relevante dentro das distinções possíveis dos adultos;

ao contrário de crianças e adolescentes, o adulto tende a ver objetivamente o mundo e os acontecimentos da vida, de modo que pode tomar decisões movido mais pela razão. (BRASIL, 2002, p.91).

Na EJA, o aluno percebe que não é mais possível agir pelas emoções, ao contrário suas atitudes devem estar pautadas no raciocínio, na razão, a emoção não pode ditar regras, nem opinar nas decisões, o aluno da EJA, precisa estar apto a compreender seu papel na sociedade, onde se faz necessário ter uma visão ampla e consciente na sua responsabilidade diante das possíveis transformações pelas quais cada indivíduo é responsável, como personagem participante, numa sociedade relativamente injusta com os que se calam diante de situações que requerem posições e opiniões que possam ajudar na transformação, por um mundo mais justo.

Segundo Costa (2007, p. 32), a EJA precisa encontrar o seu lugar e trabalhar com o seu público, "na perspectiva da busca do direito a eles negado, criando condições para que essas pessoas tenham acesso a uma escola diferenciada que invista na formação de cidadão autônomo e crítico".

A interação que o educando tem na vida social contribui para compreender como é realizado seu papel, se o ser humano está satisfeito por estar fazendo parte de uma sociedade, ou se ele está alienado a ela, o reconhecimento de ser cidadão se dá a partir de suas relações com o meio:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. (FREIRE, 1967, p.44).

Reconhecer o ser humano, suas lutas seu passado para conduzi-lo a viver na sociedade, preparando para os obstáculos, e não fechando os olhos e as oportunidades que terão, os jovens e adultos precisam de chances e confiança, pois basta conhecer um pouco de cada um para compreender o que eles querem, um estudo para uma vida, pois não adianta viver sem saber e nem conhecer.

Pois entende-se que é a partir do que aprendem que será feito a diferença, ou seja, só por meio do conhecimento é que as oportunidades surgem, é impossível o alunado buscar melhorias, se ele nem tem conhecimento de que elas existem, sendo assim entendemos que só a educação possibilita às pessoas a oportunidade de conhecer, buscar alternativas e garantir seus direitos.

A Educação é fator decisivo para que cada pessoa tenha consciência do seu papel na sociedade, e entenda que é responsável pelas transformações que se faz necessário acontecer, não obstante é entender que cada um é capaz de obter conhecimento e fazer uso do mesmo para seu bem estar pessoal e o bem-estar coletivo.

De tal modo, a importância do diálogo entre as vivências dos alunos da Educação de Jovens e Adultos e o processo de ensino e aprendizagem se torna fundamental. É preciso dar sentido para que o interesse seja permanente. O papel do professor é dar significado às aulas, fazer com que os alunos se sintam incluídos. Entender o universo de cada indivíduo, lembrando que cada jovem ou adulto ali presente, possui trajetórias de vidas diferentes, já adquiriram experiências de acordo com o ambiente em que estão inseridos.

Segundo Sousa (2017) torna-se fundamental o olhar do professor neste espaço, tão diverso, deve ser o mais sensível, pois o profissional vai se deparar com realidades que não são as suas, para adentrar este mundo, proporcionando um ensino e aprendizagem que seja de fato significativo.

A maior parte dos alunos da Educação de Jovens e Adultos possuem muitos desafios, a partir do momento que decidem retornar ou iniciar sua jornada na vida escolar. Desafios que existem porque, em cada vida há uma história, que pretende ser transformada e que se quer alcançar, de alguma forma, aquilo que ficou pra trás, no tempo, e agora tem a intenção de se concretizar, tornar real.

O saber, o conhecimento erudito, seja para encontrar um emprego ou melhorar sua posição de trabalho, entender o filho ou neto quando possuem dúvidas em relação ao conteúdo da escola, seja para ler suas próprias correspondências, seus cartões de Natal ou aniversário e até mesmo o itinerário do ônibus. São coisas que, para muitos, não significam grandes obstáculos, mas para estes indivíduos são uma das etapas mais gratificantes de suas existências (SOUSA, 2017).

Assim, a autora ressalta ainda que sair da marginalidade em que se encontram e adentrar no mundo das letras, dos números, do entendimento da sua história, pois não se reconhecem até então como sujeitos da história. Socializar e argumentar de forma crítica sobre o ambiente que os cerca, compreendendo o seu lugar e seu papel no mundo, como transformá-lo, para si e para o outro.

Estas são barreiras que serão transpostas com o auxílio do professor, cujo papel é fundamental, pois cabe a esse profissional a apresentação e inclusão desses

jovens e adultos neste universo tão diferente, mas tão excitante. E o educador deve ser sensível para atar os dois paralelos: o do ensino e aprendizagem e a vida de cada educando. A ele cabe fazer com que esses paralelos se encontrem, se absorvam e se expandam. De acordo com Ferreira, Ferreira e Silva (2011, p.15):

O contato social é importante entre os alunos que formam um grupo de pessoas que não se envergonham diante uns aos outros, pois o mundo letrado é preconceituoso com quem não atende as suas exigências, não se enquadra nos seus padrões.

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos possuem expectativas em relação a sua aprendizagem. Mais do que o saber letrado, eles desejam autonomia, inclusão, socialização, bens culturais, ou seja, tudo que os tirem da situação marginal em que se encontram.

O cenário mundial em que a sociedade está inserida tem feito com que, cada vez mais, os indivíduos vão à busca de uma identidade. Há uma necessidade de se sentir pertencente ao ambiente em que se está inserido, e isso faz com que o ser humano se direcione a essa apropriação. Dentro do ambiente escolar, que também é cultural, essa busca não desaparece. Ela é latente ao homem, e por isso mesmo, conhecer o mundo do educando da EJA faz toda a diferença, pois a troca de aprendizagens – professor e aluno – é cada vez mais importante e decisiva no processo de ensino e aprendizagem.

Vivemos numa sociedade globalizada, altamente tecnológica que aponta para sucessivas mudanças e para a construção de um novo tempo que, por sua vez, exige a construção de novos paradigmas educacionais (FEITOSA, 1999, p.17)

Dessa forma o professor, precisa perceber como fazer de suas práticas pedagógicas algo que tenha representatividade na vida dos alunos e no seu meio ambiente. Não é possível deixar de lado as experiências que os educandos carregam, e como isso pode auxiliar o professor em seu trabalho. A educação deve ser repensada, reciclada, de acordo com a rapidez em que o mundo se renova.

O profissional da educação, ao optar pela EJA, precisa ter a consciência de que os seus alunos esperam conquistar espaços que muitas vezes lhes foram negados pela falta de escolarização, da construção dos saberes eruditos. Porém, essa educação não se constitui de forma mecânica, sistemática, uma vez que esses alunos têm “sede” de adentrar nesse mundo do letramento. Eles querem ter consciência

crítica do que acontece a sua volta e já forma moldados pelas experiências de vida que possuem (SOUSA, 2017).

Oliveira (2008, p. 4): "Educar não pode se limitar apenas a uma proposta assistencialista, como se tem verificado ultimamente no Brasil, é acima de tudo um desafio social, é um caminho de luta, de transformação na busca da justiça e da felicidade." Dessa forma, percebe-se que o profissional não vai construir um saber, ele vai reconstruir um saber a partir das vivências dos seus educandos, se atentando para as perspectivas dos mesmos. Não é possível ignorar os sonhos, as aspirações que os levaram as salas de aula. Historicamente,

Observa-se a luta para que todas as pessoas tivessem acesso a uma educação de qualidade, e o que se vê atualmente, apesar de tantos esforços é que o índice de analfabetismo ainda persiste. De acordo com o censo coletado no ano de 2010, cerca de 9% da população brasileira não sabia ler e escrever. E sabe-se que o censo não consegue atingir todos os brasileiros. Se a educação inclui, a falta dela é motivo de exclusão.

De tal modo, a sociedade, para ser justa precisa ser inclusiva, e o papel da escola é inserir aqueles que foram colocados, por diversos motivos, para fora do mundo educacional. Embora, este trabalho, tenha como elemento principal a relação professor-aluno, faz-se necessário incluir todos os funcionários da escola, como agentes transformadores, para que haja um bom desenvolvimento desses indivíduos em sua trajetória escolar.

O processo educacional na EJA precisa ser pensado como um instrumento de libertação, pois os alunos que ali se apresentam já se encontram presos em condições socioeconômicas que os marginalizam, que os inferiorizam. De acordo com Paulo Freire (2002) *apud* Oliveira (2008, s/p.):

Deve haver uma relação de interação entre professores- alunos que deve estar pautada em um ato de conhecimento de que o processo de alfabetização de adultos necessita de uma relação de diálogo que seja fidedigno onde os sujeitos do ato de conhecer (educador- educando; educando-educador) se encontram movidos pelo objeto a ser conhecido.

Isso requer todo o cuidado em estabelecer um contato saudável, onde o aluno sinta que da mesma forma que ele aprende com o professor, o professor também aprende com ele, com suas experiências. Há uma troca de saberes fazendo com que o aluno que ali está é mais do que um receptor, ele também se torna um transmissor

a partir de sua história de vida. E desse modo, todos aprendem uns com os outros, fazendo das aulas um aprendizado de vida.

Quando se fala sobre a necessidade de intervenção no processo de ensino e aprendizagem, não se está menosprezando a importância das ações espontâneas e individuais diante do mesmo. Entretanto, há necessidade de equilibrar a partir da mediação, o sentido dessa ação espontânea quando se refere às possibilidades do que é alcançável ou não na apropriação do conteúdo proposto pelo sistema educacional.

A metodologia tem que ser aplicada com objetivo de fazer o educando sentir, pensar, trocar e fazer, pois, dessa forma poderá ser criativo, crítico e solidário, interagindo assim acontecerá a relação entre teoria e prática na busca da apreensão das diferentes mudanças do saber, neste espaço tem que acontecer a relação professor-aluno, bem como da sociedade mais ampla concebendo-os como conteúdo de aprendizagem, um espaço de aprendizagem que vê o educador e o educando como parceiros na construção do saber, uma relação dialógica em que o aluno, em conjunto com o educador exerça a prática de refletir com o objetivo de construir coletivamente o conhecimento.

2.2 DA REALIDADE DO EDUCANDO DA EJA E SUAS DIFICULDADES

A EJA impõe um novo modo de repensar o papel do Estado em implantar políticas públicas e educacionais condizentes às necessidades da clientela, ofertando propostas de inclusão social e metodologias agregadas à realidade das escolas, pois, esse público se encontra fora do ambiente escolar há bastante tempo e a escolarização possibilita um diferencial no mercado numa possível ascensão social (FELICIANO; FERREIRA; DELGADO, 2018).

Sendo assim, os autores ainda colocam que os estudantes da EJA possuem características distintas, dentre as quais se encontra a expressão linguística utilizada na comunicação, sendo importante a escola valorizar as formas expressivas, porém precisa oportunizar a reflexão para que entendam a diferença entre a fala e a escrita. Os “erros” que ocorrem no ato comunicativo devem ser interpretados e explorados, intermediados por atividades e diálogos constantes demonstrando que, apesar das variáveis linguísticas serem aceitas o domínio da língua culta é imprescindível, implicando eficácia no envolvimento em sociedade.

Uma aprendizagem importante a ser construída na sala de aula de alfabetização de jovens e adultos é a de se ouvirem uns aos outros, não apenas o professor. Quando só a fala do professor é valorizada, fica implícita que a concepção de aprendizagem do professor é aquela em que ele é o único detentor do saber. Apenas o que ele fala vale a pena escutar, e isso também precisa ser desconstruído, porque é na interação das diferenças que se aprende.

Porém o professor deve planejar aulas em que os alunos participem diretamente, falem, exercitem sua autoria, contem histórias de suas experiências de vida, seu dia-a-dia, contêm como fazem, explique como interpretam a realidade, interagem com os outros como um todo que percebam como podem aprender com as ideias e as experiências dos outros. Dessa forma, o professor estará abrindo espaço para os alunos participarem diretamente das aulas construindo sua história dentro do âmbito escolar, interagindo de forma satisfatória.

A prática da interdisciplinaridade é uma ação que envolve uma interação razoável, bem como, a dedicação de profissionais da educação em um trabalho de interação de disciplinas do desenho curricular contextualizado as tendências atuais. Dessa forma, pode-se alcançar a superação da educação deficitária, objetivando o desenvolvimento pleno do educando, para que os mesmos possam exercer uma cidadania crítica e consciente de suas ações no mundo com tendências contemporâneas.

2.2.1 Principais Desafios Enfrentados Pelos Alunos da EJA

No cotidiano escolar muitos são os desafios enfrentados pelos alunos da EJA na busca por um ensino com qualidade, como exemplo, a diversidade cultural, a diferença de idades entre os alunos, equacionando dificuldades de estabelecerem boas relações, a superação do analfabetismo digital, o cansaço, a formação profissional para atuarem na EJA, pouco tempo para dedicação aos estudos, metodologias utilizadas, comumente inadequadas que acabam por impedir ao aprendizado (FELICIANO; FERREIRA; DELGADO, 2018).

Freire (2000) comenta que a aprendizagem é fundamental por proporcionar oportunidades expressivas e individuais, atuando como parte integrante de um projeto amplo e com possibilidades. Nessa perspectiva, ao favorecer continuidade a um projeto em aprendizagem, a escola precisa atuar em alcance de um objetivo

estruturado na realidade vivencial do aluno, enfim, precisa trabalhar com conteúdos significativos embasados em temas conectados a realidade social como, desemprego, saúde economia, trabalho, política e outros.

Outro desafio a ser considerado são as disciplinas trabalhadas na modalidade em EJA que, na maioria das vezes se prendem somente a leitura e escrita, operações matemáticas, entre outros. A alteração dessa realidade consiste no fato do professor trabalhar com palavras conhecidas do cotidiano favorece o desenvolvimento na alfabetização e na concepção da consciência crítica (FREIRE, 1979). Entretanto, o aluno carrega consigo um contexto histórico composto muitas vezes por dificuldades decorrentes da falta de estudo e, acaba recorrendo à escola em procura de melhorias, buscando preencher as necessidades intermediadas pelo estudo.

O contexto escolar da EJA, formado por sujeitos advindos de realidades distintas, sobreviventes no mercado de trabalho, alguns possuem família estruturada e assumem responsabilidades que os impedem a uma dedicação total aos estudos. A escola, no entanto, precisa descortinar-se de velhos paradigmas e oportunizar condições possíveis de desenvolvimento além de adquirirem habilidades e aptidões, tornando-se melhor informados sobre os direitos e deveres no exercer da cidadania posteriormente.

De acordo com o Censo escolar da Educação Básica de 2015, 2.792.758 estudantes estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos, 1.869.426 cursam o Ensino Fundamental. Muitas vezes questiona-se o que acontece com os jovens e adultos que por algum motivo não conseguem concluir o curso do ensino fundamental e médio na idade regular.

Um aspecto complementar relevante é que na história da educação brasileira, o direito a educação para todos ainda é recente, é da constituição de 1988. Então, este conjunto populacional com mais idade, também vem de uma interdição ao direito a escola, à educação que a sociedade manteve por muito tempo. Na constituição de 1934, esse direito é assegurado e depois é garantido o direito do voto analfabeto pela emenda constitucional de 1969 e só em 1988 esse direito volta.

Têm-se aí uma boa explicação para entender este direito social tardiamente conquistado pela cidadania brasileira, mas do ponto de vista contemporâneo o aspecto intraescolar tem sido muito importante para entender a presença de tantos jovens neste público. Muitas vezes na EJA se pergunta para o sujeito o porquê parou de estudar, e além dos elementos citados acima, no caso das mulheres em especial,

existe aquela marca de que quando era mais jovem, era impedida de estudar por motivos de preconceito e tradições.

A educação de jovens e adultos é mais do que um “retomar os estudos”, é uma grande oportunidade para aqueles que por motivo ou outro não puderam estudar, ou garantir seus direitos educacionais, é uma nova vida para os que ingressam no ensino noturno para se sentirem cidadãos. Seja nas regiões metropolitanas ou no interior, a educação de jovens e adultos deve ser levada a sério e os que dispõem desta modalidade de ensino também.

Algumas escolas ofertam a EJA em salas multisseriadas, outras em salas individuais, na maioria das vezes sem recursos didáticos adequados a esta modalidade. Ao examinar as condições das práticas escolares na Educação de Jovens e Adultos, pode-se constatar práticas conservadoras imersas em regras e rotinas de significados duvidosos para os alunos, que além de não darem conta de uma realidade bastante complexa, não considera ou considera pouco as transformações dos diferentes tempos e espaços da sociedade.

Os alunos da EJA devem ser vistos como pessoas capazes de surpreenderem em vários aspectos através de suas competências individuais, e em grupo, participando de “encontros culturais” nos quais cada aluno ou grupo apresente ou ensine aquilo que faz bem e que traduz um aprendizado informal poderá ser músicas, danças, comidas, entre outros, dessa forma estarão envolvidos e interagindo.

Vale lembrar que, diversificar as atividades na rotina da sala de aula, não significa ter a responsabilidade de criar uma novidade a cada aula, a cada dia. Fala-se de uma diversidade de caminhos, tempos, lugares e de olhar; pensa-se numa sala onde a lógica didática mais tradicional dê lugar a experiências inteira do aprender: ver, agir, pensar, fazer, experimentar, todos os sentidos.

Todavia observa-se que quando essas aulas acontecem, os alunos participam com muita vontade, e se despedem do comodismo, das atividades vividas durante o dia, quando essas aulas diferenciadas acontecem o aprendizado é diferente o educando sente-se encorajado a estudar, pois, aprende de forma mais prazerosa. Portanto, o aprendizado do aluno da EJA está ligado a desenvolvimentos de programas voltados especialmente para essa modalidade que acompanha o desenvolvimento de alunos e alunas há muito tempo.

De acordo com Ribeiro (1997, p. 45), “[...] vivemos num momento de intensas mudanças e o indivíduo precisa estar preparado para acompanhar esse

desenvolvimento, pois os programas para a EJA dão oportunidades aos educandos". Com base nestas afirmativas é que há a emergência na adequação desse programa de ensino, dado o expressivo número de analfabetos no Brasil. Porém, a EJA deve ser tratada concomitantemente com outras políticas e, não isoladamente como vem sendo realizada.

2.3 FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A EVASÃO NA EJA

Fukui (1983, p. 34) ressalta a responsabilidade da escola afirmando que: "O fenômeno da evasão, longe está de ser fruto de características individuais dos alunos e suas famílias. Ao contrário, reflete a forma como a escola recebe e exerce ação sobre os membros destes diferentes segmentos da sociedade".

A discussão vai diante da posição acima tomada, no caso da posição de Cunha (1997) a responsabilização do jovem pelo seu fracasso na escola tem como base o pensamento educacional da doutrina liberal a qual fornece argumentos que legitimam e sancionam essa sociedade de classe, e também tenta fazer com que as pessoas acreditem que o único responsável pelo sucesso ou fracasso social de cada um é o próprio aluno e não a organização social.

Quanto ao fato de ser a escola das classes trabalhadoras que vem fracassando, para Bourdieu, isso se dá em virtude de que a escola que aí temos serve de instrumento de dominação, reprodução e manutenção dos interesses da classe burguesa.

Para Bourdieu (1998, p. 56):

A escola não leva em consideração o capital cultural de cada aluno, e que os professores partem da hipótese de que existe, entre o educando e o ensinado, uma comunidade lingüística e de cultura, uma cumplicidade prévia nos valores, o que só ocorre quando o sistema escolar está lidando com seus próprios herdeiros.

Estes teóricos mostraram através de seus estudos, que as expectativas, em geral, podem influenciar os fatos da vida cotidiana, e que geralmente, os alunos em especial, parecem ter a tendência a se comportar de acordo com o que se espera delas frente aos desafios que a educação oferece a cada aluno.

A evasão escolar está presente praticamente em todas as unidades escolares brasileiras e, portanto, um problema que afeta milhares de estudantes no País. As

causas mais frequentes são diversas e, atribuídas tanto aos estudantes como ao sistema.

Fonseca (2012) afirma que a frequência com que as práticas pedagógicas calcadas na representação e marcadas por problemas de inadequações ainda ocorre nos programas da EJA principalmente aqueles que se dedicam aos ciclos iniciais da educação fundamental, torna-se ainda mais preocupante se avaliar as reações dos alunos e das alunas a elas submetidos.

Especialmente os alfabetizando em geral, pessoas adultas, e as representações que lhes atribuem os professores, a escola, o sistema, ou a sociedade, que tendem a não formular explicitamente seu desconforto ou constrangimentos diante de tais ações pedagógicas, mas se deixam invadir pelo desinteresse e pelo desânimo, alimentado principalmente, pela impossibilidade de conferir sentido e cumprir aquilo que é obrigado a realizar.

Neste caso novas metodologias poderão contribuir para um novo episódio de evasão da escola, na medida em que não consegue oferecer aos alunos e alunas da EJA razões ou motivações para nela permanecerem e reproduz fórmulas e discriminação étnica, cultural ou social para justificar insucessos dos professores de ensino-aprendizagem.

Diante disso pode-se observar que as metodologias são de grande relevância para o aprendizado do educando, porém terá que ser bem elaborada para que o alunado sintam-se à vontade para expressar-se participando de forma agradável e satisfatória das atividades sem preocupação com a discriminação, pois, também tem sido uma grande problemática que tem afetado de forma negativa a aprendizagem e continuidade dos alunos da EJA, aqueles de mais idade sentem-se rejeitados e até mesmo excluídos pelos colegas de classe e muitas vezes pelo próprio educador.

Vale ressaltar que existem os problemas de saúde que implicam no seu processo de aprendizagem, grandes empecilhos. Sendo assim a escola tem que criar meios de conduzir os mesmos a sentirem-se valorizados e parte da escola. Pois muitos se matriculam e encontram muitas dificuldades evadem bem antes do meio do ano.

Entretanto, Queiroz (2013) analisa o cenário atual da EJA no Brasil e, explica que houve uma queda acentuada nas matrículas nessa modalidade passando de 4,9 milhões para 3,9 milhões entre 2007 a 2012, segundo o censo escolar e comenta, enfim, os desafios que os educadores precisam superar com a crescente presença de jovens nas turmas EJA.

Assim, é consideravelmente grande a quantidade de alunos que perderam a motivação para os estudos, a correria do dia a dia, os afazeres domésticos, a família, o trabalho, saúde e entre outros problemas que os levam a desistência nos primeiros dias de aula, ou até mesmo se matriculam, mas não comparecem as aulas.

Com base na afirmação de Haddad (2013) entende-se que, uma das causas geradora da evasão é por parte do governo que não se pensa na qualidade da educação, não investe na educação da EJA, deixando essa modalidade um pouco esquecida.

De tal modo, é notório que o governo tem deixado a desejar quando se fala em EJA, pois observa-se que as escolas públicas são poucas assistidas pelo governo, a falta de matérias didáticos, de programas e incentivos, os projetos só existem mesmo no papel, pois, os alunos necessitam de materiais, e os mesmos não existem ou não insuficientes. Não colocam em prática as leis que amparam a educação de qualidade para essa modalidade de ensino.

De acordo com Queiroz (2013), “alfabetizar funcionalmente pessoas mais velhas é um desafio ainda maior se comparados aos jovens”. Especialistas apontam as falhas nas estratégias para educação de jovens e adultos: faltam ações que motivam e retenham esses alunos de mais idade nas aulas, além dos fatos de muitos precisarem priorizar os trabalhos as dificuldades levam ao aumento da evasão nestes últimos anos.

Portanto, alfabetizar é um processo contínuo que requer paciência e muita dedicação, pois, é um desafio alfabetizar pessoas que já estão querendo aprender só mesmo o nome para assinar seus documentos pessoais. A realidade é que se requer muito cuidado e atenção nas atividades, na forma de se explicar os conteúdos. Instigando o educando a sentir interesse pelos estudos, pois é considerável o número de alunos evadidos.

Essa redução não significa que os Jovens e Adultos brasileiros perderam o interesse em estudar, entre outras razões, o número de alunos matriculados diminuiu devido à falta de ações de divulgações dos cursos disponíveis, algo que afeta principalmente os mais velhos. Eles normalmente não procuram a EJA por iniciativa própria, como ocorrem com os jovens, muitos tem vergonha de assumir que ainda não são alfabetizados.

De acordo com Fernandes (2011), a presença de adolescentes na Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental é preocupante, pois quase 20% dos

matriculados tem de 15 a 17 anos. Muitos enfrentam problemas como pobreza extrema, a instabilidade na vida deles não permite que tenham a educação como prioridade o que leva a abandonar a escola diversas vezes.

Outra causa frequente da evasão escolar é a necessidade de trabalhar e de compor uma renda familiar faz com que muitos alunos deixem o ensino regular antes de concluí-lo, a dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho faz com que o aluno mude para os turnos da EJA onde essa é a única opção restante.

Mas esse não é o único problema que gera a evasão escolar, pois são inúmeros, como a gravidez precoce que é a chegada do primeiro filho ainda na adolescência, e afasta muitos da sala de aula principalmente nas meninas que deixam de estudar para cuidar do filho e quando conseguem retornar à escola tempo depois, ingressam na EJA.

Os motivos que levam a garotada a se matricular na EJA têm a ver com a falta de qualidade do sistema de ensino e suas consequências: Reprovação e evasão. Segundo estudos do MEC, a repetência de 17,4% e de 22,6 % e só não é maior devido ao aumento da evasão escolar. Distância da escola, reunir alunos da zona rural em uma só escola para garantir que os professores alcancem o número mínimo de aulas e reduzir os gastos com infraestrutura e transporte. Sem falar na desmotivação que sofre os educandos da EJA, pois sem se interessar pelo que a escola oferece vários adolescentes deixam de ir à escola e só tempo depois retornam à escola ciente da importância que tem os estudos (FERNANDES, 2011, p. 99).

Nesse contexto, várias são as dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA, pois os mesmos sofrem com a falta de qualidade no ensino voltado para essa modalidade já que esse estudo fica esquecido pelas autoridades competentes, onde o problema aumenta e os mesmos só estão preocupados com gasto em vez de pensar na qualificação de profissionais, materiais para dar suporte na aula do professor tornando-a mais atrativa para esse educando, uma vez que já vem para a escola desgastada de tanto sofrimento em busca de uma vida melhor.

Oliveira (1987, p. 19) cita também que outros motivos que estão relacionados às causas da evasão, que são: “o problema da EJA remete primordialmente a questão especificidade cultural onde o primeiro traço cultural releva para esses Jovens e adultos e o contexto de escolarização e sua condição de excluído do ensino regular”. Nesse sentido, o que se pode dizer, é que o problema da EJA remete primordialmente a questão de especificidade cultural onde o primeiro traço cultural releva para esses

jovens e adultos, o contexto de escolarização e sua condição de excluído do ensino regular.

Estas situações em que se baseia o trabalho escolar podem colocar os Jovens e Adultos em condições bastante inadequadas para o desenvolvimento de processo real de aprendizagem de certa forma e como se a situação de exclusão da escola regular fosse em si mesmo potencial gerador do fracasso na ocasião de escolarização tardia.

Durante os “percalços e interrupções nos estudos” dos alunos da EJA a exclusão precoce da escola ocorre também na escolarização tardia, resultado da baixa escolaridade, que acarreta constrangimentos sociais diversos. Por mais que seja importante ampliar a compreensão da exclusão e da reinserção que tais fenômenos constituem experiências que sujeitos específicos vivenciam em momentos determinados de suas vidas (SANTOS, 2001:6).

Baseada nessa concepção que, esse grande problema está relacionado ao sistema de ensino, pois já que a condição está agravante por falta de sintonia, a escola necessita urgentemente de um mecanismo entre educando e comunidade escolar para, pelo menos amenizar essa situação para isso não influenciar na qualidade do ensino.

Portanto, a escola tem um papel importante de criar condições para que este alunado não se desestimore, sinta-se encorajado de participar das aulas com entusiasmo e perseverança sentindo-se à vontade para questionar e expor sua opinião de acordo com sua maneira de pensar, sendo respeitado.

Os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando o jovem e adulto deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles (DIAS, 2000, p. 8).

Nesse processo é fato que muitos desistem por que os horários não condizem com que os alunos esperavam, cansaço, falta de apoio pedagógico e ainda se sentem no meio de um processo de exclusão da escola regular e o fato de que a escola funciona com base em regras específicas e com uma linguagem particular que deve ser conhecida por aqueles que nelas estão envolvidos. Esse processo coloca os educandos em desconforto pessoal devido a aspectos de natureza mais afetiva, mas que podem também influenciar a aprendizagem.

Portanto, como são muitas as razões que causam a desistência do educando cabe à comunidade escolar não ficar estagnada diante dessa situação, é preciso buscar forma para amenizá-la, como por exemplo, estimulá-los a fim de que ele possa participar de todas as atividades propostas e que possam se sentir bem com o seu grupo de estudos; tornar as turmas de EJA parte da comunidade escolar é fundamental para o sucesso da aprendizagem e para evitar a evasão. O aluno não pode sentir que aquele espaço é emprestado e sim um ambiente confortável e acolhedor.

De acordo com Santos (2007, p. 13) é importante pensar o trabalho pedagógico da EJA de forma que o educando participe do desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, os educadores têm a responsabilidade de criar uma dinâmica metodológica que atinja o interesse do educando, de maneira que a escola recupere seu objetivo social e supere o fracasso escolar, a repetência e a “evasão”. A autora ainda considera que diversos são os fatores que interferem no cenário escolar em forma de repetência e evasão, uma vez que ainda não há compreensão de que a função da escola é somente ensinar a ler e escrever.

Os alunos da EJA criam expectativas para suas aulas, pois mesmo cansados buscam forças para irem à escola, porém cabe ao educador preparar aulas dinâmicas que saia da rotina, crie metodologias novas que incentive o alunado a sentir o prazer de ir à escola, pois aulas criativas podem ser uma das maneiras de evitar a evasão escolar. De certa forma será um escape para incentivar os mesmos permanecerem nos estudos, conhecerem o novo, levando-os a jogos, danças, projetos realizados fora e dentro do espaço escolar que podem auxiliar no processo ensino e aprendizagem, como forma de lúdico inserindo as aulas práticas que os levarão a interagir.

3 EVASÃO ESCOLAR NA EJA: PERCEPÇÕES DOS ACADÊMICOS CONCLUINTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAI EM 2021

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

A Faculdade de Itaituba - FAI, Instituição de Ensino Superior mantida pela CESUPI -Centro de Estudos Superiores de Itaituba S/C Ltda., Empresa que funciona na cidade de Itaituba –PA, está em atividade ministrando cursos de graduação, extensão, e de Pós-Graduação “Lato Sensu” desde 20 de outubro de 2003, com os Cursos autorizados Letras, História, Pedagogia e Administração de Empresas. Hoje, aos 18 anos em funcionamento, além dos cursos inicialmente autorizados a IES oferece ainda os cursos de Ciências Contábeis, Ciências Biológicas, Direito, Enfermagem, Estética, Engenharia Civil, Farmácia e Fisioterapia (DADOS DA PESQUISA, 2021).



Figura 1 - Entrada da Faculdade. Fonte: <http://www.faculdadedeitaituba.com.br/fotos>. 2021

Ao longo de sua existência, a FAI já formou mais de 2.700 profissionais, com expectativa de formação de mais 200 acadêmicos ao final desse semestre letivo. Além disso, a FAI, dentro de seu Projeto de Desenvolvimento Institucional, apresenta projetos de implementação de novos cursos na cidade. Entre os cursos, estão Psicologia e Biomedicina, já com tramitação para autorização junto ao MEC, e Odontologia, Medicina Veterinária, Nutrição, entre outros em fase de construção dos projetos (DADOS DA PESQUISA, 2021).

Durante seus 18 anos de funcionamento, a Faculdade proporcionou oportunidade de formação superior tanto à população de Itaituba quando de cidade vizinhas, como Jacareacanga, Trairão, Rurópolis, Uruará, Novo Progresso, Aveiro e

comunidades ribeirinhas, indígenas, rurais e garimpeiras, impactando no desenvolvimento da sociedade uma vez que com a formação superior, esses profissionais contribuem de forma grandiosa junto às instituições em que atuam com mão de obra qualificada (DADOS DA PESQUISA, 2021).

Cita-se ainda a preocupação da FAI com relação a sua responsabilidade social e enquanto instituição educacional, com a promoção e realização de ações sociais constantes por meio de projetos de extensão desenvolvidos pelos coordenadores, professores e acadêmicos em parceria com instituições e órgãos que atuam na região. Tais ações envolvem atividades de atendimento ao público como, por exemplo, os cursos da área da saúde que realizam palestras, prestação de serviços de saúde (exames, aferição de pressão arterial, acompanhamento de gestantes e idosos, entre outros). Os demais cursos promovem assistência à comunidade de forma geral como distribuição de cestas básicas, brinquedos, trabalho voluntário, etc. Tais atividades são promovidas sempre visando o compromisso com a sociedade por meio da ética e respeito (DADOS DA PESQUISA, 2021).

O Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI (Portaria do MEC Nº. 2.560 de 15/09/2003) além de validar ao profissional para atuar na docência, fornece ao acadêmico as habilidades para participar da organização e gestão de sistemas, unidades e projetos educacionais e também colaborar na produção e difusão do conhecimento nas diversas áreas da educação. O curso busca uma formação que tenha como eixo a pesquisa e a prática pedagógica (DADOS DA PESQUISA, 2021).

As aulas práticas do Curso de Pedagogia acontecem na sala da Brinquedoteca, na qual são desenvolvidos projetos com integração entre acadêmicos, professores e até mesmo a comunidade. A figura 2 mostra a brinquedoteca da FAI.



Figura 2 - Brinquedoteca. Fonte: <http://www.faculadedeitaituba.com.br/fotos>. 2021

O Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da FAI tem por objetivo o de formar profissionais para atuar na educação formal e não formal, compreendendo a instituição escolar e os diferentes espaços onde o fenômeno educativo se manifesta: na escola básica, preparando o profissional para docência, gestor das ações da escola ou nos sistemas de ensino seja na esfera administrativa ou pedagógica (DADOS DA PESQUISA, 2021).

A participação, a inserção social e a melhoria da qualidade de vida são elementos dinamizadores das ações educativas, quer na comunidade quer em empresas, instituições não escolares e organizações não governamentais, tendo a docência como base de sua identidade. As linhas de pesquisa e extensão concluídas e em andamento têm por foco a Gestão Educacional, Docência, Pedagogia Empreendedora, Educação, Sociedade e Meio ambiente, Tecnologia e Informática Educativa; Educação Inclusiva, Educação Rural, Educação Especial e as culturas: Amazônica, Indígena e Afro Brasileira (DADOS DA PESQUISA, 2021).

3.2 METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA

Para a realização de um trabalho científico é necessário definir a metodologia a ser utilizada. De acordo com Lakatos e Marconi (1991) pesquisar é compreendido como “investigar algo de forma meticulosa”. Por essa definição é possível notar que a pesquisa não é algo simples. Não pode ser compreendida apenas como um simples processo investigativo tendo em vista conseguir concepções profundas acerca dos problemas estudados. Pesquisar exige um planejamento dos passos a serem analisados, como seleção do tema de pesquisa, definição do problema a ser investigado, processo de coleta, análise e tratamento dos dados, e apresentação dos resultados.

Em alguns estudos, podem-se empregar abordagens metodológicas, de caráter qualitativo. Observa-se, porém, que a escolha de um ou outro tipo deve estar associada ao objetivo da pesquisa e que ambos apresentam características específicas, vantagens e desvantagens.

Na presente pesquisa foi realizada uma análise qualitativa, pois, ao mesmo tempo em que se utilizou elementos particulares, buscou-se a medição dos resultados através de valores que corroborassem o nível de percepção e conhecimento dos

sujeitos abrangidos na pesquisa, acerca das experiências vivenciadas no ambiente escolar, ligadas a EJA.

Utilizou-se pesquisa bibliográfica, sendo fundamentada em vários autores que tratam da temática em questão. Severino (2007, p. 122) destaca que pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Foi utilizada também uma pesquisa descritiva que de acordo com Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como intuito principal descrever com detalhes as características de uma população em questão, um fenômeno, uma situação. Existem muitos estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Sobre a pesquisa exploratória que também foi aplicada, Gil (1999) diz que a pesquisa exploratória tem como objetivo fundamental a identificação dos fatos que definem ou que colaboram para o acontecimento de um fenômeno. Ela busca explicar como o fenômeno ocorre e quais os fatores que contribuem para o acontecimento. Entre todos os tipos de pesquisa, essa é a que mais se aprofunda na informação dos fatos.

Com relação à metodologia da pesquisa de campo que também foi utilizada, Severino (2007) enfatiza que na pesquisa de campo, a observação dos fatos e dos fenômenos é abordado em seu meio ambiente próprio. É caracterizada pelo contato direto com o pesquisador sem nenhuma intervenção. Os dados são observados e coletados nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem.

Teve como instrumento de coleta de dados o questionário, este é conceituado por Gil (1999) como a técnica de investigação composta por um questionário com perguntas abertas ou fechadas. É uma série de perguntas por escrito respondidas sem a intervenção do pesquisador, onde os sujeitos expressam suas opiniões espontaneamente e tem como objetivo conhecer os interesses, opiniões e vivências dos indivíduos. A pesquisa foi realizada durante o mês de dezembro do ano de 2021, na Faculdade de Itaituba. Os sujeitos da pesquisa foram nove acadêmicos que já

atuaram ou atuam como professores com as turmas de Educação de Jovens e Adultos.

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.3.1 Percepções dos acadêmicos participantes da pesquisa

A pesquisa foi direcionada a 09 (nove) acadêmicos concluintes do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba do ano de 2021. Foi aplicado a estes um questionário com 09 (nove) perguntas sendo 07 (sete) subjetivas, 01 (uma) objetiva e 01 (uma) de identificação e perfil dos participantes da pesquisa.

Na primeira questão foi traçado o perfil e identificação dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Perfil e identificação dos participantes da pesquisa.

IDENTIFICAÇÃO	GÊNERO	IDADE	TRABALHA NA EDUCAÇÃO?	SE, SIM HÁ QUANTO TEMPO?	COM QUAIS SÉRIES GERALMENTE TRABALHA?
Participante 01	Masc..	26	Não	X	X
Participante 02	Fem.	28	Não	X	X
Participante 03	Fem.	24	Sim	10 meses	Jardim II
Participante 04	Masc.	25	Não	X	X
Participante 05	Fem.	23	Não	X	X
Participante 06	Fem.	21	Não	X	X
Participante 07	Fem.	38	Não	X	X
Participante 08	Fem.	35	Sim	17 anos	Ensino médio
Participante 09	Fem.	59.	Sim	Mais de 30 anos	Ensino médio 1°, 2° e 3° séries.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

De acordo com a faixa etária das participantes da pesquisa, elas possuem entre 21 (vinte e um) e 59 (cinquenta e nove) anos sendo dois do gênero masculino e do sete são gênero feminino. Quando perguntado se trabalha na educação três responderam que sim e seis disseram que não. O tempo de quem trabalha varia de

10 meses a mais de 30 anos e as séries que geralmente trabalham é jardim II, ensino superior, ensino médio.

A formação inicial e continuada dos professores para alinhá-las à BNCC. A ação nacional será crucial, já que se trata da esfera que responde pela regulação do ensino superior, nível no qual se prepara grande parte desses profissionais. Diante das evidências sobre a relevância dos professores e demais membros da equipe escolar para o sucesso dos alunos, essa é uma ação fundamental para a implementação eficaz da BNCC (BRASIL, 2017).

Na segunda pergunta foi questionado **em sua percepção, quais as dificuldades que um aluno de ensino fundamental da EJA enfrenta para terminar seus estudos**. Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 2.

Quadro 2 - Respostas dos participantes sobre as dificuldades de um aluno de ensino fundamental da EJA enfrentam para terminar seus estudos.

Participantes	Respostas
Participante 01	Entre os diversos problemas, o mais frequente é a falta de tempo, visto que, estes alunos geralmente possuem um trabalho e não conseguem conciliar o tempo entre trabalho e escola.
Participante 02	Acredito que seja a disponibilidade para estudar.
Participante 03	Acredito que seja o trabalho e os estudos do adolescente ao mesmo tempo.
Participante 04	A falta de incentivo familiar para terminar os estudos.
Participante 05	Por ficar em casa para cuidar de seus filhos, não ter oportunidade de estudar.
Participante 06	As dificuldades mais frequentes são pela necessidade de trabalhar e não conseguir conciliar os estudos e trabalho, a diferença de idade dos alunos também pode ser um dos fatores.
Participante 07	Devido a dia corriqueiro, a distância da casa para escola.
Participante 08	Penso que a rotina de trabalho e escola sejam difíceis de se conciliar, assim como ocorre no ensino superior, e a evasão ocorre em decorrência disso.
Participante 09	Distância entre a casa/escola, má iluminação pública, gerando vidência, cansaço devido ao trabalho.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Quanto as dificuldades de um aluno de ensino fundamental da EJA enfrentam para terminar seus estudos, os acadêmicos disseram que um dos problemas mais frequentes são a falta de tempo, falta de incentivo familiar, falta de dinheiro, outros citam ainda que a rotina do trabalho traz um cansaço que interfere fortemente na conciliação entre estudo e necessidade de trabalhar.

Almeida e Oliveira (2017) de forma geral, a dificuldade de acesso e permanência de crianças e adolescentes na escola tem várias causas, que frequentemente se manifestam de forma combinada. Muitas vezes, os conteúdos desenvolvidos em sala de aula são muito distantes da realidade dos alunos, seja na zona rural, seja nas áreas urbanas. Também se destacam falta de valorização dos professores, por meio de remuneração adequada, plano de carreira e capacitação constante; pobreza; trabalho infantil; gravidez na adolescência; e exposição à violência.

Na terceira questão os participantes foram questionados **sobre quais são as principais dificuldades no dia-a-dia da sala de aula para ensinar os alunos da EJA**. Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 3.

Quadro 3 - Respostas dos participantes sobre as principais dificuldades no dia-a-dia da sala de aula para ensinar os alunos da EJA.

Participantes	Respostas
Participante 01	A diferença de idade entre os alunos, na qual os alunos apresentam formas de aprender diferentes um do outro, exigindo assim metodologias mais avançadas pelo professor.
Participante 02	Disponibilidade de material adequado que possa realmente ajudar aquele aluno.
Participante 03	Creio que seja uma metodologia que chame atenção.
Participante 04	No dia-a-dia a principal ao meu ver é a rotina que é pesada e sobrecarga o aluno que muitas vezes já é chefe de família.
Participante 05	Muitos não querem estudar tem muitas dificuldades na aprendizagem.
Participante 06	A evasão, a diferença de idade, a indisciplina dos alunos etc.
Participante 07	Desistência e evasão no estudo pois muitos se sentem inferiores por terem colegas com idades diferenciadas.
Participante 08	Não trabalho com EJA.
Participante 09	Evasão escolar. Desinteresse.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Sobre quais são as principais dificuldades no dia-a-dia da sala de aula para ensinar os alunos da EJA, os participantes comentaram que é a rotina que é pesada e sobrecarga o aluno que muitas vezes já é chefe de família, o desinteresse, a diferença de idade, entre outras dificuldades.

De acordo com Santos (2013) é a intervenção pedagógica do educador, que dirige democraticamente as aulas, fornece as condições propiciadoras, incentiva o ato de pensar, oferece as informações necessárias ao avanço do conhecimento do

educando. O processo de conhecer é também construtivo. Superando as metodologias reprodutivas e predominantemente receptivas dos livros didáticos tradicionais, deve-se optar por uma metodologia em que o educando é um sujeito interativo que pensa, pergunta, constrói hipóteses enquanto estuda.

Na quarta questão os participantes foram questionados **considerando a evasão escolar, principalmente na EJA, já faz parte da estatística brasileira, em sua opinião, quais as principais causas desta evasão**. Obtendo as seguintes respostas apresentadas no gráfico 1.

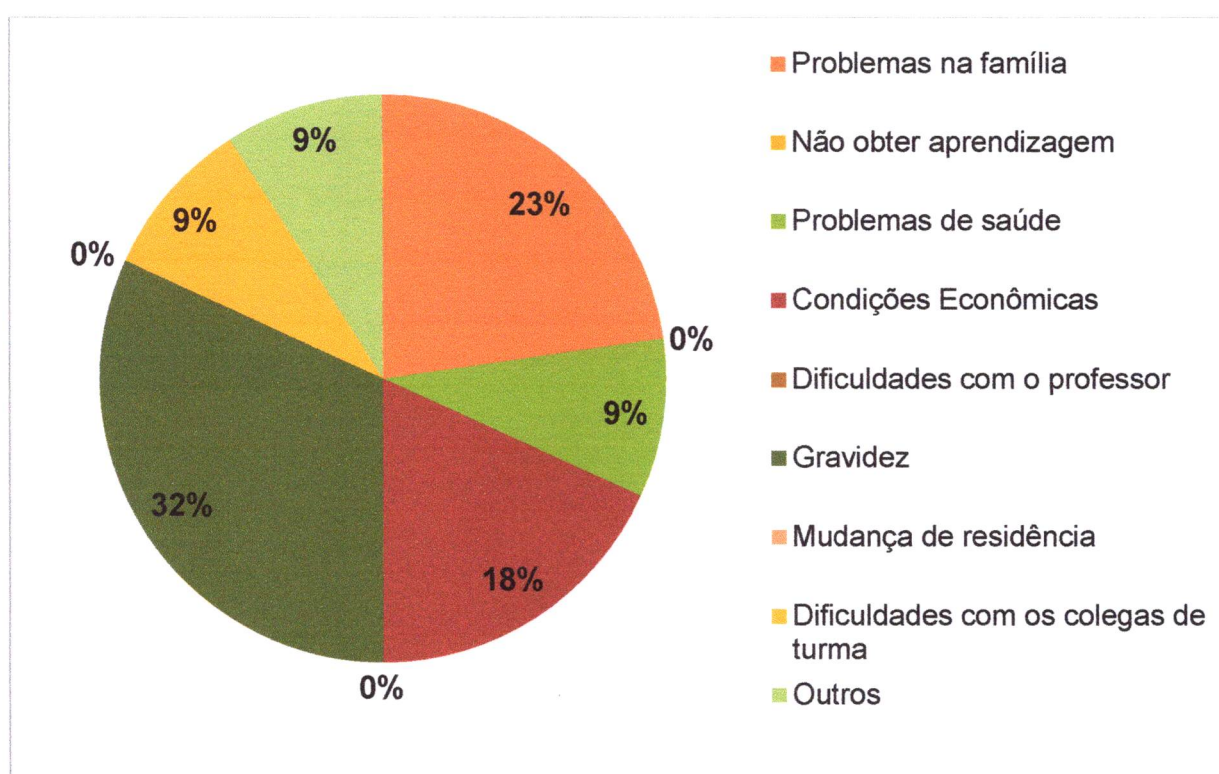


Gráfico 1 - Quais as principais causas da evasão na EJA.
Fonte: Dados da pesquisa (2021).

De acordo com o gráfico 1, pode-se perceber que 32%, a maioria dos participantes, afirmou ser o maior desafio enfrentado é a gravidez, seguida de 23% que disseram ser problemas na família, 18% afirmaram ser as condições econômicas, 9% apontaram não obter aprendizagem, 9% colocou ser as dificuldades com o professor e 9% disseram ser problemas de saúde.

Inúmeros são os fatores intra e extraescolares que influenciam para que ocorra a evasão escolar. Dentre os fatores externos estão apontadas as péssimas condições econômicas das famílias, falta de moradias adequadas e saneamento básico, a desnutrição, desvantagem cultural e todo o conjunto de privações que as classes

sociais menos favorecidas convivem. E dentre os fatores internos, refere-se a relações entre professor-aluno, o currículo, a precariedade das escolas e os métodos pedagógicos. Conquanto, os fatores internos e externos se entrelaçam formando um conjunto de fatores interligados que colaboram para evasão escolar (FERNANDES, 2013, p.19).

Na quinta questão os participantes foram questionados **sobre qual o perfil do aluno que estuda na EJA**. Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 4.

Quadro 4 - O perfil do aluno que estuda na EJA.

Participantes	Respostas
Participante 01	Normalmente os alunos da EJA são empregados, então costumam chegar exaustos na escola, sem ânimo para estudar.
Participante 02	São mais jovens que estão em busca de crescimento.
Participante 03	Geralmente são adolescentes nas faixas de 17 a 23 anos.
Participante 04	EM qual é previsto que o aluno EJA, é aquele que não conseguiu acompanhar a escolarização na idade certa.
Participante 05	São Acima de 15 anos de idade, jovens, idosos também, muitos com maturidade para estudar.
Participante 06	Jovens e adultos que não conseguiram concluir seus estudos na idade adequada.
Participante 07	Idade diferenciada.
Participante 08	Não conheço, pois não trabalho com EJA.
Participante 09	Carência, econômica. Idade/série diferente.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Sobre qual o perfil do aluno que estuda na EJA os participantes disseram que é aquele que não conseguiu acompanhar a escolarização na idade certa, são jovens de 15 anos, jovens, idosos também, muitos com maturidade para estudar, os alunos da EJA são empregados, então costumam chegar exaustos na escola, sem ânimo para estudar.

Segundo Bellan (2005) o aluno da EJA é o adulto é aquela pessoa madura o suficiente para assumir as responsabilidades por seus atos diante da sociedade. Ele tem plena consciência de suas ações e pode tomar decisões responsáveis em sua vida. Mesmo quando erra em sua atitude, o adulto decide responsavelmente sobre o que fazer a respeito. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) define a EJA como uma “modalidade da educação básica nas suas etapas fundamental e média”. Em seu artigo 37 define que:

Na sexta questão os participantes foram questionados **sobre qual o papel do professor na Educação de Jovens e Adultos**. Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 5.

Quadro 5 - O papel do professor na Educação de Jovens e Adultos.

Participantes	Respostas
Participante 01	Despertar o interesse dos alunos em aprender, fazendo com que estes entendam a importância da formação escolar e assim não desistam de seus estudos.
Participante 02	Ajudar esses jovens e adultos da melhor forma possível.
Participante 03	É de suma importância, pois tem muitos jovens que relatam histórias na qual o professor fez muita diferença para ele no futuro.
Participante 04	O professor já tem a visão de igual para igual, como ambos podem ter a mesma idade ou com pouca diferença, o professor pode e deve usar essa igualdade ao seu favor.
Participante 05	Capacitado para ministrar aulas que tenha pulso firme.
Participante 06	É de extrema importância, pois esse profissional vai lhe dar com pessoas que já tem maturidade com vivências e experiências que desafiam o trabalho docente.
Participante 07	Transmitir com clareza o conteúdo para facilitar e absorver os conteúdos aplicados.
Participante 08	Ser um mediador, um facilitador na construção dos conhecimentos, assim como é com outros públicos.
Participante 09	Fundamental, para despertar os alunos.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Sobre qual o papel do professor na Educação de Jovens e Adultos os participantes afirmaram que o professor já tem a visão de igual para igual, como ambos podem ter a mesma idade ou com pouca diferença, o professor pode e deve usar essa igualdade ao seu favor, que o professor precisa ser um mediador, um facilitador na construção dos conhecimentos, assim como é com outros públicos e é fundamental para despertar o interesse dos alunos.

De acordo com Lopes (2018), certamente é muito importante para o aluno a qualidade de mediação exercida pelo professor, pois desse processo dependerão os avanços e as conquistas do aluno em relação à aprendizagem na escola. Na escola é primordial uma relação positiva entre professor-aluno para que o processo de ensino e aprendizagem ganhe um caráter emancipatório, sobretudo, faz-se necessário a presença do diálogo, onde o professor assume o papel de mediador na prática educativa.

Na sétima questão os participantes foram questionados **sobre você conhece algum programa específico para amenizar a evasão na EJA? Comente.** Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 6.

Quadro 6 – Se conhece algum programa específico para amenizar a evasão na EJA.

Participantes	Respostas
Participante 01	Não.
Participante 02	No momento não.
Participante 03	Não.
Participante 04	Ainda não.
Participante 05	Não.
Participante 06	Não.
Participante 07	Não.
Participante 08	Não conheço.
Participante 09	Jovem aprendiz.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Perguntados sobre se conhecem algum programa específico para amenizar a evasão na EJA, a maioria dos participantes responderam que não, o participante 9 respondeu jovem aprendiz. Vale ressaltar que o Jovem aprendiz consiste em um programa do governo em parceria com empresas para a oportunidade de primeiro emprego, não se encaixa específico para EJA.

Conforme Garcia (1992) que as causas da evasão escolar vão desde a necessidade de trabalho do aluno, como forma de complementar a renda da família, até a baixa qualidade do ensino, que desestimula aquele a frequentar as aulas, via de regra inexistem, salvo honrosas exceções, mecanismos efetivos e eficazes de combate à evasão escolar tanto em nível de escola quanto no nível de sistema de ensino, seja municipal, seja estadual, onde os governos atuais investem em vários programas, por exemplo, o Bolsa família, entre outros como PROJOVEM, PROEJA que vem sendo destinado tanto as crianças como os jovens no sentido de mantê-los na escola, com forma de resgatar sua cidadania.

Na oitava questão os participantes foram questionados **sobre quais estratégias a escola pode desenvolver para amenizar a evasão escolar.** Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 7.

Quadro 7 – Quais estratégias a escola pode desenvolver para amenizar a evasão escolar.

Participantes	Respostas
Participante 01	A escola pode promover palestras visando demonstrar a importância dos estudos para viver na sociedade atual.
Participante 02	Divulgar com mais intensidade e incentivar o ensino.
Participante 03	Trabalhar metodologias para chamar a atenção dos adolescentes, como dinâmicas, projetos, etc.
Participante 04	Propor um modo de acompanhar os estudos e incluir o ano letivo sem comprometer a rotina do aluno.
Participante 05	Através de incentivos e projetos voltados a educação.
Participante 06	Conhecer a realidade dos alunos para a partir de então traçar estratégias para solucionar ou amenizar as causas dessa evasão.
Participante 07	Perceber a realidade de alunado e ajustar de acordo com suas dificuldades.
Participante 08	O primeiro passo seria identificar as causas reais da evasão para trabalhar em cima disso, pois não existe fórmula mágica.
Participante 09	Não respondeu.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Acerca de quais estratégias a escola pode desenvolver para amenizar a evasão escolar os participantes responderam que é preciso conhecer a realidade dos alunos para a partir de então traçar estratégias para solucionar ou amenizar as causas dessa evasão, que é necessário perceber a realidade de alunado e ajustar de acordo com suas dificuldades, frisam ainda que precisam trabalhar com metodologias para chamar a atenção dos adolescentes, como dinâmicas, projetos, etc.

Conforme Arroyo (1993), na maioria das causas da evasão escolar, a escola tem a responsabilidade de apontar a desestruturação familiar, e o professor e o aluno não têm responsabilidade para aprender, tornando-se um jogo de empurra. Compreende-se que a escola precisa estar preparada para receber e formar estas crianças e adolescentes, que são frutos de uma sociedade injusta e, para isso é preciso professores dinâmicos, responsáveis, criativos, que sejam capazes de inovar e transformar sua sala de aula em um lugar atrativo e estimulador.

Na nona questão os participantes foram questionados **sobre em sua percepção, a relação entre professor e aluno pode influenciar na evasão escolar, se sim, de que forma**. Obtendo as seguintes respostas apresentadas no quadro 8.

Quadro 8 – Se a relação entre professor e aluno pode influenciar na evasão escolar, se sim, de que forma.

Participantes	Respostas
Participante 01	Sim. Quando o professor é impaciente e não tem empatia para com seus alunos.
Participante 02	Sim. Com um bom relacionamento entre professor e aluno.
Participante 03	Não.
Participante 04	O aluno EJA possui uma percepção diferente pois possui vivências e experiências, então caso não se relacione bem com o professor, pode sim ocorrer assim a evasão escolar.
Participante 05	Não.
Participante 06	Sim, pois a relação afetiva entre professor e aluno estimula a aprendizagem e o interesse do aluno.
Participante 07	Sim, quando há conflitos e desrespeito com ambos.
Participante 08	Pode sim, assim como em qualquer outro tipo de ensino. Conflitos e problemas com os docentes podem fazer com que os alunos não queiram mais ir à escola.
Participante 09	Quando o professor desrespeita o aluno.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nesta os participantes disseram que pode sim, assim como em qualquer outro tipo de ensino. Conflitos e problemas com os docentes podem fazer com que os alunos não queiram mais ir à escola, frisaram ainda que o aluno EJA possui uma percepção diferente pois possui vivências e experiências, então caso não se relacione bem com o professor, pode sim ocorrer assim a evasão escolar.

Segundo Freire (1996, p.33): “pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a eles saberes socialmente construídos.” Poucos indivíduos são limitados pelo desenvolvimento intelectual, em maioria elas são capazes de aprender do mais simples ao complexo, desde que se una recursos do momento a situações didáticas, próximo da sua realidade.

Ressalta-se que os problemas de evasão na EJA estão ligados a fatores de natureza socioeconômicos, a organização escolar, condições de vida, físicas e psicológicas, características individuais do aluno, condições familiares, o corpo docente e a interação professor – aluno, assim a escola, na sua organização curricular e metodológica, necessita estar preparada para utilizar procedimentos didáticos adequados para trabalhar com os jovens e tentar minimizar tais problemáticas.

CONCLUSÃO

A importância do diálogo entre as vivências dos alunos da Educação de Jovens e Adultos e o processo de ensino e aprendizagem se torna fundamental. É preciso dar sentido para que o interesse seja permanente. O papel do professor é dar significado às aulas, fazer com que os alunos se sintam incluídos. Entender o universo de cada indivíduo, lembrando que cada jovem ou adulto ali presente, possui trajetórias de vidas diferentes, já adquiriram experiências de acordo com o ambiente em que estão inseridos. O olhar do professor neste espaço, tão diverso, deve ser o mais sensível, pois o profissional vai se deparar com realidades que não são as suas, para adentrar este mundo, proporcionando um ensino e aprendizagem que seja de fato significativo.

Quando o aluno se sente integrado com a escola, essa deixa de ser vista como algo inatingível e passa a ser considerada como fator agregador, acolhedor, onde a vontade de ultrapassar barreiras do desconhecido são maiores que o medo de não ser aceito, de ser ignorado, de ser humilhado.

De tal modo, a pesquisa acerca do fracasso escolar, como está posta a evasão, aponta que, se por um lado, há aspectos externos à escola que interferem na vida escolar do aluno, há por outro, aspectos internos da escola que também interferem no processo sócio educacional do jovem, e quer direta ou indiretamente, acabam excluindo-o da escola, seja por fator de busca de emprego ou outro de tamanha intensidade social, relativo ao mundo do trabalho.

Sendo assim, nota-se que é preciso desenvolver uma metodologia capaz de abranger aquilo que o currículo pede, e unir a esse currículo, a trajetória de vida dos alunos como base para seu planejamento trará mais sentido para esses educandos. A metodologia de Freire aponta caminhos onde o objetivo é libertar e não doutrinar os sujeitos envolvidos nesse processo. Se sentir pertencente ao ambiente escolar, se apropriar dessa cultura e depositar nela suas vivências é um modo de transformar o local onde se vive.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Educação e exclusão da cidadania** In: BUFFA, Ester. Educação e cidadania: quem educa o cidadão. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

BRASIL. **Movimento Brasileiro de Alfabetização Documento básico MOBRAL** Rio de Janeiro, 1973. Educação de Adulto. 2. Alfabetização Funcional. Dispon. <http://www.dominiopublico.gov.br/downlo.pdf>. Acessado em 20/10/2014.

BRASIL, Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos (V:1997:Hamburgo,Alemanha) Declaração de Hamburgo: Agenda para o Futuro: Brasília SESI.UNESCO: 1999. Disp.: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012.pdf>: Acesso em: 10/10/2014.

BRASIL. Educação de Jovens e Adultos: **Proposta Curricular para o 1º segmento do ensino fundamental**. São Paulo; Ação educativa; Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. 37. ed. São Paulo: Arte Editorial, 2012.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: Editora do Brasil, 1998.

CARVALHO, Rosa Malena. **Educação física escolar na educação de jovens e alunos** (Organizadora).-1.ed.-Curitiba,Pr:CRV, 2011.

CUNHA, Maria Conceição da. **Salto para Futuro: Educação de Jovens e Adultos**; Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação Brasília, 1999.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

DI PIERRO, Maria Clara. **Balanco e Desafios das Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. São Paulo, 2005.

DI PIERRO, Maria Clara. **Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de Jovens e Adultos**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n.2, 2001.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire – Princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. São Paulo. Universidade de São Paulo, 1999.

FELICIANO, Creuza Bonono; FERREIRA, Denilza Oliveira Costa; DELGADO, Omar Carrasco. **O PERFIL E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS– EJA**. 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/o-perfil-e-os-desafios-enfrentados-pelos-alunos-da-educacao-de-jovens-e-adultos-eja.pdf>. Acesso em: 23 de abr. 2021.

FERNANDEZ, Elisangela, **No Meio do Caminho Havia muitas Pedras**. Gestão Escolar Revista Nova Escola ano V, nº 27 Editora Abril, Fundação Victor. 2011

FERREIRA, Shirley Lopes. FERREIRA, Daniela Maria. SILVA, Shirley Angela. **A expectativa dos alunos da EJA com relação à educação para o trabalho**. Recife. Universidade Federal do Pernambuco, 2011.

FONSECA, Maria da Conceição F. R **Educação Matemática de jovens a adultos: especificidades, desafios e contribuições 3. ed.** Belo Horizonte; Autentica Editora, 2012. (Coleção tendências em Educação Matemática)

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 2 ed. São Paulo: Olho d'água, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, M. **Rotina-Construção do tempo na relação pedagógica**. São Paulo: Espaço Pedagógico. 1998.

GARCIA, Regina Leite. Cadernos Cedes 28. **No cotidiano da escola: pistas para o novo**. São Paulo: Papirus. 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HADDAD, Sergio, **Entrevista Gestão Escolar**, Revista Nova Escola, ano V nº 27. Fundação Victor, Editora Abril, 2013.

HADDAD, Sérgio. **A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB**. In: BRZEZINSKI, I. (org.) **LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

LARA, Pedro José De. **Os desafios da educação de jovens e adultos na sociedade da informação**. Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/pedro.pdf. Acesso em: 02/04/2016.

LOPES, R. C. S. 2018. **A relação professora aluno e o processo ensino aprendizagem**. Disponível em: <https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em: 19 dez. 2021.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **O inteligente e o estudado Alfabetização e Escolarização e Competência entre Alunos de Baixa Renda**. Revista da Faculdade de Educação vol. 13. São Paulo (1987).

OLIVEIRA, Michele Pereira. **EJA uma perspectiva educacional sobre jovens e adultos**. Disponível em: <http://educacaoeinclusao.blogspot.com.br/2008/11/eja-uma-perspectiva-educacional-sobre.html>. Acessado em 24/02/2017.

PAIVA, Jane. **Educação Popular - Educação de Adultos**. Edições Loyola, São Paulo, 1987.

QUEIROZ, Cristina Stephno de. **A hora dos Adultos: Revista Escola pública** ano VI nº33 junho/julho. Editora segmento -2013.

RIBEIRO, Jaciara Batista. **As estratégias de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos**. Pouso Alegre. Universidade do Vale do Sapucaí, 2014.

SANTOS, Joicy Marins Araújo. **EJA: 6º ao 9º ano: geografia. Manual do educador**. 3. ed. São Paulo: IBEP, 2013. (coleção tempo de crescer)

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOAREZ, Batista. **LDB fácil: Nova LDB comentada – atualizada com questões de concurso**, Ezequiel Sales e Silva. 7. ed. São Paulo: Visão Global Editora/arte Editorial, 2012.

SOUSA, Camila Zeferino de. **O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E A TRAJETÓRIA DE VIDA DOS ALUNOS DA EJA**. Disponível em: <https://fce.edu.br/blog/o-processo-de-ensino-e-aprendizagem-e-a-trajetoria-de-vida-dos-alunos-da-eja/>. Acesso em: 15 de dez. 2021.